

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**FELIPE MATEUS BOTURA**

**TEOLOGIA EM VERSOS: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA MÚSICA POP POR  
MEIO DAS CANÇÕES DE TIAGO IORC**

**CAMPINAS**

**2025**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**FELIPE MATEUS BOTURA**

**TEOLOGIA EM VERSOS: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA MÚSICA POP POR  
MEIO DAS CANÇÕES DE TIAGO IORC.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Alexandre Boratti Favretto.

**CAMPINAS  
2025**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

	Botura, Felipe Mateus
B748t	<p>Teologia em versos : Uma análise teológica da música Pop por meio das canções de Tiago Iorc / Felipe Mateus Botura. - Campinas : PUC-Campinas, 2025.</p> <p>80 f.</p> <p>Orientador: Alexandre Boratti Favretto.</p> <p>TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas , 2025.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Teologia . 2. Música Pop. 3. Teopoética. I. Favretto, Alexandre Boratti . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título.</p>

Dedico este trabalho, nas pessoas de minha mãe e minha irmã a toda a minha família. Na pessoa de Maria Calchi a todos os meus amigos. Na pessoa de Papa Francisco a todos aqueles que me inspiram a seguir em frente.

## AGRADECIMENTOS

Mais que tecer agradecimentos, dedico esta pesquisa como um agradecimento a todos os que me acompanham e me ajudaram a chegar até aqui. Fruto não só de reflexões acadêmicas, mas das experiências vivenciadas com a família e os amigos, nas atividades pastorais e das diversas experiências que tive de “contemplação na ação” como aprendi com Inácio por meio de sua Companhia, espero que esta reflexão possa ajudar todos aqueles que buscam encontrar-se e encontrando-se, encontrar a Deus. Ele que continua a pairar sob sua obra, conduzindo-a a sua plenitude, mas que também se faz presente no mais íntimo do coração humano e por meio das duas asas, fé e razão, permite-nos encontrá-lo, amá-lo e servi-lo, dirijo meu agradecimento.

Agradeço a Virgem Maria por me ensinar a colocar-me a serviço por meio da canção. A Prof. Lúcia Helena Galvão que, ao comentar sobre a importância da música no processo de educação e, neste caso, da alma, ao trabalhar “A república” de Platão inspirou-me a alargar o horizonte de meus estudos. Ao estimado Papa Francisco em seus últimos escritos falou da importância da literatura – arte – na educação e vida do seminarista, encorajando-me mais ainda. A cantora Maria Bethânia que me ensinou que “a música é a língua materna de Deus”. A Prof. Ceci M. C. B. M. que abraçou a ideia que a princípio seria uma pesquisa de iniciação científica e ao Prof. Dr. Pe. Alexandre B. Favretto que acolheu e orientou esta pesquisa.

Não poderiam ficar de fora pessoas importantes com as quais conversei e troquei ideias para a elaboração dessa pesquisa, como os Prof. José A. Boareto, Prof. Matheus Bernardes e Prof. Danilo Rodrigues. Aos amigos Mara, Felipe e Gabriel que auxiliaram ainda na revisão de texto e sugestão de melhorias, com ideias de músicas, temas etc. Aos estimados padres Pedro Gardini que sempre me apoiou e tanto contribuíram para que eu chegasse até aqui, juntamente do Pe. André Pires que não só apoiou me possibilitou ter a experiência de encontrar-me e conhecer o Tiago Iorc alguns anos atrás, o que foi de grande auxílio para entender os caminhos que poderiam ser trilhados para que fosse possível desenvolver esse trabalho.

Ao cantor Tiago Iorc, que com suas músicas – temáticas – auxilia tantas pessoas e, neste caso a mim, nesse processo de conhecimento de si, questionamento e busca de um sentido maior para a vida. Sobretudo, com sua canção recente “Tudo o que a fé pode tocar” levou-me a questionar tantas coisas, possibilitando um amadurecimento da fé, a entender melhor o que significa comunhão e como em Cristo, estamos todos unidos e que pela fé podemos mais. E por ensinar-me a cantar sobre o amor, de Deus, em meio a uma sociedade pautada pela produção, consumo, descarte com a confiança de que é possível um mundo melhor.

Por fim, aos meus familiares nas pessoas de minha mãe e irmã que sempre me apoiam em minhas escolhas e decisões e permanecem ao meu lado. Aos amigos, que me mostram sempre como é possível formar uma família maior e que permanecem ao meu lado a tantos anos, me incentivando sempre a seguir apesar das dificuldades. Ao Prof. Dr. Pe. Márcio Coelho que desde o curso de filosofia sempre me encorajou a liberdade de pesquisar e juntamente ao Pe. Nilton me ensinaram a fazer esse caminho do conhecer-me para servir. Que tudo o que aqui ficar exposto, seja justamente para isso, um conhecimento de mim, do interior humano, que me recorde de ser humano ao tratar com o humano.

*Cantar o canto ensinado por Deus com poesia ensinar nossa fé  
Plantar o chão, cultivar o amor, como poetas que querem sonhar.  
Pra realizar o que o mestre ensinou viemos cear, restaurar o coração  
Fonte de vida no altar a brotar, a nos alimentar.*

Pe. Fábio de Melo.

## RESUMO

Este trabalho versa sobre o tema “Teologia em versos: uma análise teológica da música Pop por meio das canções de Tiago Iorc” e traz como problemática a busca de elementos teológicos presentes da música Pop de Tiago Iorc. Para tal, elegeu-se o método da teopoética que proporciona a aproximação entre teologia e música, enquanto expressão artística, possibilitando ainda um resgate da linguagem simbólica tão utilizada no período patrístico. Seguindo os desejos do Papa Francisco de estabelecer um diálogo interdisciplinar e, mais recentemente, sobre a valorização da literatura – arte – com processo de crescimento e amadurecimento intelectual e espiritual, este trabalho desdobra-se em três sessões principais a partir da proposta metodológica de Francisco “contemplar, discernir e propor”. Buscando num primeiro momento desvelar como que este diálogo se dá pelo fato de que ambas as disciplinas, tratam, cada qual a seu modo, sobre o homem, suas buscas, anseios e desejos. Logo, o ponto de encontro e diálogo é justamente o humano. Por isso, todas as vezes que Tiago Iorc canta sobre estas questões, sobre a fragmentação, a sede insaciável que o homem traz em si, o desejo de viver o amor e a felicidade, ele toca em questões de ordem teológica. Afinal, essa sede e busca constante do ser humano, presente em suas músicas, não seriam sede de Deus? Será esta reflexão e caminho, que permitirá então entender e afirmar a música – Pop – como um novo modo e lugar de se fazer teologia.

**Palavras-chaves:** Teologia. Música Pop. Tiago Iorc. Teopoética. Antropologia Teológica. Diálogo interdisciplinar.

## ABSTRACT

This research explores the theme “*Theology in Verses: A Theological Analysis of Pop Music through the Songs of Tiago Iorc*” and addresses the central question of identifying the theological elements present in Tiago Iorc Pop compositions. To this end, the theopoetic method was adopted, as it enables a fruitful dialogue between theology and music as forms of artistic expression, while also recovering the symbolic language widely employed during the Patristic period. In accordance with Pope Francis call for an interdisciplinary dialogue and his recent emphasis on the value of literature and art as processes of intellectual and spiritual growth and maturation, this study is structured into three main sections, following Francis methodological proposal: *to contemplate, to discern, and to propose*. Initially, the research seeks to unveil how this dialogue unfolds, considering that both disciplines – each in its own way – reflect on the human being, his searches, aspirations, and desires. The meeting point and locus of dialogue are therefore found in the human experience itself. Whenever Tiago Iorc sings about existential fragmentation, the insatiable thirst that dwells within the human heart, or the longing to live love and happiness, he implicitly addresses theological dimensions of human existence. Ultimately, this reflection suggests that the human thirst and constant search expressed in his songs may be understood as a thirst for God. Thus, this path of interpretation allows us to recognize Pop music as a new way and locus for doing theology in contemporary culture.

**Keywords:** Theology. Pop Music. Tiago Iorc. Theopoetics. Theological Anthropology. Interdisciplinary Dialogue.

## LISTA DE SIGLAS

- AL** – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*: sobre o amor na família.
- ATP** – Carta Apostólica Em Forma De Motu Próprio – *Ad theologiam promovendam*.
- DCE** – Carta Encíclica *Deus Caritas Est*: Sobre o amor cristão.
- DN** – Carta Encíclica *Dilexit Nos*: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus.
- DV** – Constituição Dogmática *Dei Verbum*: Sobre a revelação divina.
- EE** – Escritos de Santo Inácio: exercícios espirituais.
- EG** – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: O anúncio do Evangelho no mundo atual.
- FR** – Carta Encíclica *Fides et Ratio*: Sobre as relações entre fé e razão.
- FT** – Carta encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social.
- GE**: Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual.
- GS** – Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual.
- HM** – Congregação Para a Educação Católica. Homem e mulher os criou: para uma via de diálogo sobre a questão do gender na educação.
- LS** – Carta Encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum.
- MAAF** – Santa Missa Para a Abertura Do Ano Da Fé: Homilia do Papa Bento XVI.
- MEO** – Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco.
- PLE** – Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação.
- RH** – Carta Encíclica *Redemptor Hominis*.
- SJCC** – Saudação do Santo Padre aos Jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela.
- SNC** – *Spes Non Confundit*: Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano de 2025.
- SS** – Carta Encíclica *Spe Salvi*: sobre a esperança cristã.
- ST** – Suma Teológica.
- VG** - Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*: sobre as universidades e as faculdades eclesiais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. CANTANDO A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: UM NOVO MODO DE SE FAZER TEOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
1. A importância da arte na vida do homem.....	17
2. O homem como ponto de encontro entre a teologia e a música .....	20
3. A música como lugar de exercício do pensamento teológico .....	23
4. A experiência religiosa a partir da música secular .....	27
<b>2. AFINANDO O TOM: O ENCONTRO COM O DIVINO A PARTIR DA REALIDADE HUMANA.....</b>	<b>31</b>
1. Homem como ser misterioso.....	32
2. Criado a imagem e semelhança de Deus. ....	35
3. Um ser de relação. ....	38
4. Um ser de transcendência.....	42
<b>3. DA FRAGMENTAÇÃO À REDESCOBERTA DE SI E DE DEUS: UMA RELEITURA DAS MÚSICAS <i>POP</i> DE TIAGO IORC À LUZ DA TEOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
1. A identidade fragmentada do homem na era digital.....	46
2. O amor como resposta à fragmentação e a experiência do sagrado na intimidade .....	51
3. Silêncio e interioridade: o caminho para a redescoberta de si e de Deus .....	55
4. Fé e esperança como formas de resistência .....	58
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Seguindo os ensinamentos do Papa Francisco em sua “Carta sobre o papel da literatura na educação” (PLE), esta pesquisa intitulada “Teologia em Versos: Uma Análise Teológica da Música Pop por meio das Canções de Tiago Iorc” tem como objetivo identificar elementos teológicos na música Pop a partir das canções de Tiago Iorc. Para tal, elegeu-se o método da teopoética, que conforme Cappelli (2020, pág.90-103), proporciona o diálogo interdisciplinar entre teologia e literatura, já desde a década de 1970, onde resgatou-se a imaginação como recurso de produção teológica, proporcionando assim, um novo modo de se fazer teologia nos tempos atuais.

Estruturado a partir da proposta metodológica do Papa Francisco (2020, pág.115) buscar-se-á “contemplar” a música como um novo *locus teológico*<sup>1</sup> a partir do homem, que se apresentará como o ponto de encontro e diálogo entre teologia e literatura (Capítulo I). Isto porque, tanto a música como a teologia falam do homem e de sua relação com o transcendente, daí que a imagem que se tem de homem refletirá consequentemente na imagem que se tem de Deus, daí a importância de “discernir” o que é o homem (Capítulo II). Para então, poder-se realizar o exercício de identificar elementos teológicos na música Pop de Tiago Iorc e “propor” uma reflexão que traga respostas atuais para o homem moderno (Capítulo III).

Cada capítulo por sua vez, será precedido de uma breve introdução que apresentará ao leitor o caminho a ser percorrido para se chegar à resposta final que constará na breve conclusão que encerrará o mesmo. O que permitirá uma maior ligação e amarração dos capítulos entre si, mantendo uma linha de pensamento sequencial e lógica, com o intuito de facilitar a apreensão da ideia que constitui o fui condutor e hipótese final desta pesquisa, a música como novo modo de se fazer teologia. Por isso, também se adotou a proposta de manter uma estrutura geral para os capítulos (4 tópicos por capítulo com uma média de 3 a 4 páginas totalizando uma média de 15 páginas por capítulo), a fim de que o mesmo não se torne cansativo.

No primeiro capítulo, busca-se estabelecer por meio da teopoética, os fundamentos que tornam possível o diálogo entre a teologia e arte. A reflexão parte da experiência humana para ascender a reflexão teológica, tomando a música como uma dentre tantas expressões artísticas para realizar este diálogo interdisciplinar, destacando como ela lugar de expressão, autoconhecimento, (auto) transcendência, manifestação do sagrado na história e, por isso, de reflexão teológica. A música é harmonia de sons, por isso tem o poder de revelar as

---

<sup>1</sup> Lugar teológico, onde se faz teologia.

movimentações do espírito e de iluminar a condição humana, visto que a sua letra canta sobre a dramaticidade da vida, sobre as buscas e realizações do homem.

A música canta sobre o homem e sua vida no dia a dia, ao passo que a teologia fala sobre o homem e sua relação com Deus. Ou seja, o ponto de encontro e diálogo entre estas disciplinas é o homem e sua vida. Mas quem ou o que ele é? É a esta reflexão que o capítulo segundo se dedicará, pois passados tantos séculos, o homem continuar a questionar-se quem é e de onde vem e ainda encontra dificuldades em responder a tal questão. O que permitirá compreender que não há respostas prontas e acabadas, que conforme a época ele descobre cada vez mais de si. Logo ele é um ser mistérico, de origem sobrenatural. Isto porque ele é a imagem de um Ser que é inefável e, por isso, um ser relacional e de transcendência.

Considerando essa realidade humana, o capítulo terceiro olhará para as canções de Tiago Ioc buscando elementos antropológicos e teológicos para estabelecer um diálogo. Ao considerar a realidade da fragmentação, superficialidade, da fluidez digital, da crise identitária, da falta de sentido, dentre outros temas que ele canta sobre a vida do homem moderno, buscar-se-á encontrar em suas músicas, respostas e caminhos para um retorno a integridade – unidade – de si. Diante da fragmentação e crise de identidade, por exemplo, o amor como via de unificação e que conduz a um natural – e necessário – ato de silenciar-se e contemplar o ser amado e que, ao fazê-lo, vê-se surgir, fé e esperança como formas de resistência a pressão externa.

Justifica-se esta proposta – música como *locus tehológicus* – não só pelo intuito de atender as solicitações do Papa Francisco (VG, n.4) de buscar um diálogo interdisciplinar para chegar-se a uma verdade mais completa e assim, apresentar Cristo a todas as realidades. Mas também pelo fato de que, a música apresenta-se como um exercício espiritual que ao ordenar os afetos, possibilita o elevar-se do espírito (Tolentino Mendonça 2020, pág.33). Ou seja, ela não só desvela as movimentações interiores da alma humana, mas o próprio dom da liberdade de si, levando a pessoa a comunicar-se – ao cantar – e assim, a sair do ensimesmamento. Logo, ela é um meio de educação – ginástica – para a alma (Platão, 2000, pág.64-66).

Trata-se segundo De Mori (2012, pág.130-132), de dar condições para que a teologia dê passos concretos e estabeleça um diálogo frutuoso com o mundo moderno ao recuperar a linguagem simbólico-poética – do período patrístico – que se perdeu ao longo do tempo. Isto não só permite que a teologia se liberte do cárcere de conceitos abstratos e fechados que pouco dizem ou tocam a realidade (Lima e Manzatto, 2014, pág.252-254), como permite a teologia traduzir em linguagem – simbólica – a inefabilidade da experiência religiosa a qual muitas vezes, tais conceitos – linguagem convencional – não dá conta, devido a riqueza imensurável de tal experiência e a limitação da própria linguagem humana (Capelli, 2020, pág.90-103).

A escolha por Tiago Iorc seu deu por que suas músicas revelam – em tom crítico – os aspectos da sociedade virtual e líquida, assim como da subjetividade e das tensões identitárias do homem moderno (Mota e Luz, 2019, pág.02). Logo, mais do que simples canções ou melodias, observa-se que há uma clara mensagem do cantor, visto que na maioria das vezes – ou ao menos das músicas a serem utilizadas nesse trabalho – Iorc não só é o intérprete, mas o compositor das músicas. Não obstante, suas canções, muitas vezes, estão em íntima conexão umas com outras, de modo que cada uma apresenta-se como um capítulo de livro, de uma história que vai se construindo, como no álbum “Antes que o mundo acabe” (2024).

Poder-se-ia dizer que tal reflexão seria, portanto, mais de cunho social, cultural ou de ciências da religião, mas não. Quando Iorc utiliza-se da ideia de Bauman – sociedade líquida – ele toca na questão da efemeridade e consequentemente, da busca de sentido em meio à fluidez digital, da lógica do utilitarismo e do descarte. O que desvela um problema, afinal se nem Deus nem o homem estão no centro quem ou o que está? O que dita então os atuais padrões, virtudes, regras? Por que o homem corre em busca de coisas e ao mesmo tempo sente-se vazio, infeliz e incompleto? Não seria então dever da teologia enquanto discurso de Deus e do homem em relação com Ele (Flick e Alszeghy, n.3) de dar respostas a essas perguntas, cantadas?

Respostas estas que, como será apresentado, não são fáceis, nem prontas e finais, pois o homem se apresenta como uma realidade misteriosa, o que desde já permite compreendê-lo como uma imagem e semelhança de seu Criador. Logo, para compreender o homem é preciso considerá-lo não só em sua origem – Deus – mas também como um ser em relação com Ele, o que também levará a compreensão do homem como ser de relação e por isso, de transcendência. Visto que à medida que se abre, o homem consegue superar seus próprios obstáculos e a viver relações fraternas pautadas pelo amor. E é a esta questão – discernimento – que o capítulo 2 se debruçará a fim de fazer chegar-se à consciência do homem como um ser complexo.

Conforme destaca Junior (2023, pág.460-462), a contribuição das reflexões de Iorc se deu, por exemplo, ao discutir sobre o tema da masculinidade em sua canção intitulada Masculinidade (2021). Onde por meio de uma performance pedagógica, presente no videoclipe da música, demonstra como a cultura pop adquire força formativa ao problematizar novas configurações de masculinidade, que hoje apresentam-se como frágeis e tóxicas. Isso permite concluir, conforme os pensamentos de Manzatto (2022a, pág.38) que a música não é um mero *hobby*, mas uma forma de pensar e expressar-se com um grande potencial de ensinar coisas. Logo ela forma o pensamento daqueles que a ouvem assim como expressa o do cantor.

Daí que, não significa trabalhar com qualquer música, mas de entender que mesmo as músicas ditas seculares, tocam em questões de ordem teológica à medida que refletem sobre o

homem e sua vida. Conforme Dias (2022, pág.23-35), Iorc articula bem a questão ao questionar o que é ser homem de um modo crítico, expondo as fragilidades e potencialidade dos atuais modelos de masculinidade ou de relacionamentos, mostrando que no mais profundo do ser humano há um desejo que não se sacia, uma sede inesgotável. E, como dito anteriormente, não seria então um dever e, portanto, missão da teologia iluminar tais questões e através delas falar sobre Deus? Não seria uma oportunidade para o Anúncio do Evangelho?

Assim, o repertório de Iorc ultrapassa o campo da experiência estética, para tornar-se espaço de expressão do cantor e interrogação do humano. Isto dialoga diretamente com a teologia, pois trata-se de uma atitude de busca de compreensão de si e do outro, que conduz o ouvinte ao mesmo caminho, ante uma cultura midiaticizada que intensifica o fenômeno da fragmentação do eu humano. Considerar esta realidade na produção teológica é crucial, pois: “[...] a teologia deve ser atual, isto é, contemplar os problemas contemporâneos colocados à fé de maneira a permanecer compreensível à humanidade contemporânea; e deve ser salutar, isto é, significar salvação para a humanidade de hoje” (Manzatto, 2014, pág.371).

Manzatto (2014, pág.375) afirma ainda que: “O critério fundamental para distinguirmos a ação do Espírito Santo é a Vida. Onde há defesa e promoção da vida, lá está o Espírito Santo de Deus”. Neste sentido, à medida que Iorc reflete sobre esses modelos tóxicos da sociedade atual, falando de suas fragilidades e apontando para a busca de um sentido maior das coisas que verdadeiramente satisfaça o eu humano, ele não só assume uma função profética de denúncia das injustiças, mas também de anúncio da verdade. Visto que nessa atual sociedade de aparências, o que importa cada vez mais é vender uma imagem de felicidade que possa ser comprada por outros (Pondé, 2001, pág.200-236).

Trata-se, pois, de reconhecer os diversos campos do saber e as expressões culturais, como espaços legítimos de manifestação do divino, visto que o Espírito as permeia e fecunda (Boff, 1976, pág.09-10). Por isso, independente o fato de a música ser sacra, pois as músicas de Iorc não só desvelam a fragmentação, mas trazem o amor como resposta de retorno a unicidade. Retorno este que exige silêncio interior e que se valha da fé e da esperança como formas de resistência a toda pressão externa. E aqui é interessante notar que, as três virtudes teológicas surgem então como resposta nas músicas de Iorc, ainda que o mesmo não as trate como tal, mas as cante como realidade que auxiliam o ser humano em sua caminhada rumo ao transcendente.

Conclui-se, pois, seguindo os pensamentos do Papa Bento XVI (2017, pág.14), que a beleza da música não está no fato de ela ser sacra ou profana, mas sim na sua relação com o Belo, ao apontar para ele e cantá-lo. A única diferença é que a música secular expressa esses anseios e buscas do homem pelo transcendente, mostrando os rastros do sagrado que servem

como sinal para que o homem o encontre, de um modo não confessional (Calvani, 1988, pág.1). Afinal, conforme Tillich (2009, pág.88-89) a própria linguagem religiosa utiliza-se de recursos comuns da literatura, e muda conforme a necessidade de expressão, por isso, em suma, é uma linguagem poética e santa, para os que a recebem como expressão da verdade eterna.

## **1. CANTANDO A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: UM NOVO MODO DE SE FAZER TEOLOGIA**

### **Introdução**

Este capítulo aborda a relação entre arte e teologia, destacando o papel essencial da arte na vida humana, demonstrando como ela proporciona um espaço de descanso e resistência onde o homem pode recuperar suas forças. Assim como possibilita a expressão, criação, comunicação e transcendência, além de ser algo crucial no processo educacional. Não obstante, a arte configura-se como um exercício espiritual que auxilia no processo de ordenação das dimensões humanas, visto proporcionar o autoconhecimento. E dentre as expressões artísticas, aqui destaca-se a música, por revelar as movimentações interiores da alma humana e assim, libertar o espírito, numa comunicação de si.

### **1. A importância da arte na vida do homem**

O Papa Francisco em documento recente, Sobre o papel da literatura na educação (PLE, n.2), afirmou que a literatura não só é um instrumento de grande valia contra o tédio e a solidão, como também um lugar de repouso, um oásis, onde o homem pode então recuperar as forças para seguir em frente quando nem mesmo na oração consegue ser. Logo, a literatura enquanto expressão artística e num sentido maior, a própria arte, constitui-se como lugar de resistência e de suporte da realidade, onde o homem pode criar um mundo novo. Visto que a dimensão artística é um campo aberto de possibilidades de expressão, criação, comunicação e por fim, de transcendência.

Esta discussão sobre o papel da arte na educação, já era feita a seu tempo por Platão. Este, em sua obra “A República” (2000, pág.64-66), argumenta que há duas dimensões a se considerar, o corpo e a alma. Quanto ao corpo, deveria pautar-se pela ginástica, quanto a alma, esta deveria ser educada pela música e literatura. Diante disso, surge então a necessidade de estar atento a educação – música – que se oferece às crianças. Estas, por pedagogia, aprendem através de fábulas, que são histórias que contêm algumas verdades, mas não o são no todo. Por isso, deve-se estar atento a que fábulas – músicas – se oferecem para as crianças, pois as mesmas irão assimilar as verdades e valores contidas nelas.

Francisco recorda ainda em sua Carta (PLE, n.20) que a literatura abre a pessoa a voz do outro que o interpela e que fechar-se à escuta dessa voz denota surdez espiritual e queda no

isolamento de si. De tal modo o coração fica endurecido e insensível ante a realidade do outro. Diante disso, a arte surge como um importante exercício de desenvolvimento da docilidade do espírito, principalmente para os candidatos ao presbiterato, visto que: “[...] todo o sacerdote é chamado a ser poeta, pois deve captar as protopalavras, os desejos mais íntimos do ser humano, e os transubstanciar na Palavra de Deus que deve ser dada como palavra poética que funda o ser [...]” (Cappelli e Villas Boas, 2023, pág.101).

É preciso, portanto, que o homem, desenvolva o espírito de finura (Pascal, 1999, pág.29-40), que é a capacidade de se abrir ao transcendente que se comunica ao seu coração, o que o permitirá perceber que: “O Essencial é invisível aos olhos. (Saint-Exupéry, 2017, pág.74). Com isso, segundo Cappelli e Villas Boas (2023, pág.100), o homem adquire um conhecimento mais profundo da existência ao reconhecer as marcas dessa presença que o interpela. Mas ele só conseguirá perceber à medida que aprende a fazer o silencioso exercício de contemplação, coisa que a arte proporciona. Visto ser necessário parar e silenciar-se diante da obra – realidade – que se apresenta e deixar que ela fale.

A arte permite que o homem expresse através das suas mais diversas formas – literatura, música, pintura, escultura – aquilo que passa no mais íntimo de si, isto é, no seu coração. Dentre essas expressões a música, segundo Tomás (2002, pág.16), é considerada a mais bela das artes, por preservar e descrever os sentimentos humanos dum modo único e poético, permitindo assim, perceber os movimentos de sua alma. Segundo Cappelli e Villas Boas (2023, pág.98), os poemas ainda que não sejam propriamente religiosos possuem temas, crenças e práticas que tocam a esfera religiosa e o mesmo se dá com a música. Isto porque trabalha-se com algo em comum, o humano, com todos os seus dramas, anseios e desejos.

A arte possibilita um caminho de autoconhecimento, por trazer para fora aquilo que Inácio de Loyola (2000, n.313-336) denomina de movimentações interiores do espírito, isto é, todas as suas tristezas e angústias, alegrias e motivações, desejos e vontades. Em seus exercícios espirituais, Inácio fala da importância de trazer tais movimentações à luz da consciência para orientá-las para Deus (n.1). Sendo a arte também um exercício espiritual, segundo Tolentino Mendonça (2020, pág.33), ela apresenta-se como uma importante via ordenadora dos afetos humanos, afinal: “Já se percebeu que a música faz livre o espírito? que dá asas ao pensamento? que alguém se torna mais filósofo, quanto mais se torna músico?” (Nietzsche, 2016, pág.12).

Há que se ter em mente segundo Tomás (2000, pág.11-12), que a música enquanto expressão artística brota de uma subjetividade, assim como é expressão da harmonia e da ordem que permeia o cosmos. Toda música traz pois, uma harmonia, uma ordem sequenciada de notas, letras e ritmos. Tanto o é que determinadas músicas são capazes de acalmar e até mesmo induzir

ao sono. Por isso, a música enquanto expressão artística é um exercício espiritual, pois é capaz de fazer com que o espírito alcance uma harmonia ou, como diria Inácio de Loyola (2000, n.01), a ordenação dos afetos e é justamente essa ordenação que possibilita ao homem um retorno a Deus, logo, a música é uma via de reencontro do sagrado.

Nisto compreende-se a importância da arte – musical – à medida que se reconhece que ela dá: “[...] expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; [...]” (GS, n.62). Ou seja, a arte também auxilia no processo de autoconhecimento, pois para colocar para fora aquilo que se passa no interior é preciso de alguma forma nomear, escrever, descrever, ritmar, dar forma. Ainda que tais expressões pareçam ser uma total confusão presente numa tela, por exemplo, trata-se justamente da confusão que se passa dentro, da confusão onde aquela pessoa teve um encontro consigo mesmo, naquele momento.

Logo, não é possível: “[...] falar ao coração dos homens se ignorarmos, relegarmos ou não valorizarmos essas palavras com que quiseram manifestar e, por que não, revelar o drama do seu viver e sentir [...]” (PLE, n.9). É, pois, preciso considerar cada palavra, gesto, imagem e som, pois se trata da mais pura comunicação de um eu para um outro eu. Em suma, de um movimento de saída e encontro proporcionado pela arte. E como bem recorda Manzatto (2015, pág.34) o homem é um ser histórico e justamente por isso inserido no tempo, logo, ele irá se valer de uma forma própria de se comunicar conforme a época e a cultura, dentre outros fatores externos que possam influenciar.

Aqui, há que ter em mente que a arte – musical – é fruto da experiência do Espírito (Boff, 1976, pág.232). É por isso que ela não pode ser tida apenas como um hobby, um mero passatempo que não proporciona nenhum conhecimento. Não obstante, há que ressaltar que tanto na religião como na arte – musical – há a presença de um a priori místico (Calvani, 1998, pág.09-12), um mistério pronto para ser contemplado e experienciado. Até porque o Espírito se manifesta onde e como quer na diversidade que compreende a realidade humana, incluso a arte, que é um caminho valioso de acesso ao íntimo do homem, cabendo a teologia retomá-lo e mostrar como Cristo o ilumina (PLE, n.12-13).

Gesché (2003, pág.71-83) recorda que, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e por isso, não só lhe foi dado o dom da liberdade, mas também o de ser co-criador. O descanso de Deus no sétimo dia é um convite pois, para que o homem continue a ação divina. Mais que dar nome às criaturas (Gn 2,19-20), trata-se de assumir a responsabilidade por elas. E assim, conduzir a criação para o seu fim – Deus – à medida que vai dando a obra criada, a acústica e os acordes necessários, para a sua realização. Assim, impulsionado pelo Espírito que

lhe suscita a criatividade, o homem por meio da arte consegue criar coisas novas, dar vida a músicas, histórias, imagens.

Portanto, é preciso perceber segundo Cappelli e Villas Boas (2023, pág.97), que entre a dimensão artística e religiosa, há uma convergência de uma para outra. O que os leva a afirmarem que o exercício artístico à medida que engloba uma tradição espiritual, torna-se um exercício espiritual. E este é o valor e a importância da arte, pois por meio dela, o homem consegue transcender tudo o que o oprime, assim como seus próprios limites. Contudo, deve-se ter em mente que cada dimensão – a religiosa e a artística – possuem modos próprios de agir e proporcionar o elevar-se do espírito (Tolentino Mendonça, 2020, pág.33). A questão é que elas se relacionam diretamente por tratarem de um ponto em comum, o homem.

## **2. O homem como ponto de encontro entre a teologia e a música**

De início, vale destacar que o campo da arte é vasto e compreende várias expressões como a literatura, escultura, pintura, música, teatro e que: “Enquanto campo de pesquisa o diálogo entre Teologia e Literatura já havia despertado o interesse da comunidade europeia, quando em 1976, a Revista *Concilium*, de grande prestígio internacional no imediato pós-concílio, propõe um número sobre a temática [...]” (Villas Boas, 2020, pág.26). Posteriormente, surge a figura de Antonio Manzatto que: “[...] publica em 1994 sua leitura teológica da literatura, trabalho que desenvolve entre 1988 e 1993 [...]” (Villas boas, 2020, pág.26). Sendo o pioneiro numa área inexplorada pela academia brasileira.

O homem é um ser histórico e segundo Manzatto (2016, pág.08), Deus entra na história para se revelar e a própria revelação chega por meio de narrativas históricas. Isso permite contemplar a possibilidade de diálogo entre a teologia e música, enquanto expressão artística, pois a arte nada mais faz que falar do humano, contar sua história; permite conhecê-lo e assim, afirmá-lo. Por isso, a teologia se interessa e se põe em diálogo com a arte, já que: “O interesse de uma e de outra, [...] é o conhecimento, a afirmação e a compreensão do que significa ser humano no mundo. Cada uma, com o que lhe é característico, contribui para isso em diálogo com a outra e com os outros campos de conhecimento.” (Manzatto, 2016, pág.10).

É preciso ter em mente, conforme Manzatto (2016, pág.10), que o ponto de encontro e diálogo entre teologia e música é o ser humano, pois ambas nada mais fazem que contar a sua história. Por isso, segundo Manzatto (2015, pág.25-26), deve-se analisar a música enquanto palavra, texto e poesia. Aqui, entra em cena os instrumentais de análise da literatura como possibilitadores do diálogo pois segundo Jossua e Metz (2016, pág.5), eles contribuem com um

novo rigor ou ainda, com uma nova forma de compreender o ser humano e consequentemente, qual imagem ele tem de Deus e como se relaciona com Ele. Em suma, o diálogo sempre se dá a partir do humano e da sua história.

A música não é um texto qualquer segundo Manzatto (2015, pág.24-26), mas uma história cantada, de forma poética e aqui, a melodia torna-se algo muito específico, pois ela tem que casar perfeitamente com a letra, a fim de passar a mensagem de forma fidedigna. E ainda que não seja intenção do artista tocar no tema do sagrado, ao tratar de temas como a vivência do amor, o bem, o belo, sofrimento, a busca de sentido da vida, ele acaba por tocar na esfera religiosa. Por isso que determinadas músicas, apesar de seculares, tocam tão profundamente, pois tratam da dramaticidade da vida humana. Assim, a música vai então contando e cantando a busca do homem por algo maior, a história de sua relação com o transcendente.

Não obstante, Segundo Manzatto (2012, pág.78), fazer teologia por meio da arte música não afasta, mas aproxima ainda mais o teólogo da realidade do povo, apresentando por meio da poética, a realidade nua e crua dos mais fragilizados da sociedade. Trata-se de uma abordagem mais afetiva e existencial, que toca a carne sofredora do povo, mostra não só seus sofrimentos, mas também seus sentimentos, sem deixar de ser ciência e conhecimento. Ou seja, é um modo de percorrer a via indutiva que possibilita fazer uma crítica a partir de dentro, já que a teologia é ato segundo. Logo, a teologia a partir da música pode conduzir o homem a um movimento natural de libertação.

Para Villas Boas (2020, pág.39), a teologia é reflexão da Palavra e de quem a escuta, logo também é discurso sobre o homem. A contribuição da literatura – arte – encontra-se na capacidade de tocar a realidade humana, através do simbólico possibilitando expressar, não pela linguagem convencional – palavras – aquilo que é paradoxal e inefável. Ela capta a realidade externa e interna do homem e apresenta-a sem interpretar. Logo, a experiência do sagrado é, antes de tudo, uma experiência humana (Ales Bello, 2014, pág.25). Uma experiência originária e fundante, pois ainda que mude o símbolo ou o nome da divindade, a estrutura da experiência não, pois quem experimenta e interpreta, é o homem (Maçaneiro, 2011, pág.09).

Hoje, essa experiência do sagrado encontra-se comprometida, pois segundo o Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Dilexit Nos* Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus (DN, n.8-11), devido à correria frenética e à necessidade de consumir imposta pelo atual modelo de sociedade, o homem se distanciou de seu coração que é o lugar onde ele realiza a síntese de si mesmo. Por isso, cada vez mais o homem torna-se desconhecido para si. Focado no exterior e na busca de satisfações superficiais, deixou de questionar-se quem é, como

também aquilo que deseja, o que busca e para onde caminha. Disso resulta o convite do Papa para que o homem retorne ao seu centro, isto é, ao seu coração.

Nisso a arte torna-se um instrumental de grande valia pois, segundo Villas Boas (2020, pág.38), enquanto método indutivo, ela permite adentrar a condição humana, assim como leva o homem a questionar tudo o que o cerca. Trata-se segundo Francisco (ATP, n.8) de desenvolver uma reflexão que parta justamente do contexto e das circunstâncias em que as pessoas se encontram de modo que, a teologia não se detenha apenas na interpretação, mas deixe-se também interpelar pela realidade. Desse modo, torna-se possível lança um olhar mais atento ao saber do senso comum, pois como um lugar teológico, ele é repleto de imagens diversas e antagônicas de Deus, que em muito diferem do Deus cristão.

Diante disso, a teologia cristã deveria deter-se e dedicar especial atenção a fim de demonstrar que o Deus de Jesus Cristo, aquele que se revela no e a partir do humano (Kasper, 2013, pág.04-06) é amor e misericórdia. Logo, este é o caminho que o homem deve fazer no exercício de produção teológica, deve-se partir do humano, da realidade dada, para ascender ao teológico, ao conceito (Manzatto, 1997, pág.07-15). Visto que, se Jesus é: “[...] revelador de Deus e do homem. E se a teologia fala de Deus, ela fala aos homens, e fala sobre um Deus que se fez homem e que ama os homens. Ela está a serviço do humano (Manzatto, 1994, pág.40-41). Ou seja, só se faz teologia a partir do humano.

Por isso deve-se perguntar qual a compreensão de ser humano que uma obra artística – música – traz, pois está compreensão levará posteriormente a uma imagem de Deus e disso, surgirá uma reflexão teológica (Manzatto, 2016, pág.11). O que leva Pascal (1999, pág.48) a afirmar que o conhecimento de uma coisa se relaciona com o de outra necessariamente. Daí que, segundo Manzatto (2016, pág.11), se a música enquanto expressão artística, apresenta-se como um discurso e meio de revelação do humano que é justamente de onde a teologia deve começar sua reflexão, fica posto mais uma vez que o ponto de encontro e diálogo entre teologia e música é o homem.

Logo, a teologia também tem um discurso antropológico a oferecer (Manzatto, 2016, pág.13). Contudo, para entender o homem é preciso entender as coisas com as quais ele se relaciona (Pascal, 1999, pág.48), e, neste caso, com os instrumentais com os quais ele utiliza para se expressar e fazer uma experiência de transcendência. Este diálogo não só surge como uma feliz possibilidade para encontrar respostas atuais para os dilemas humanos, como também atende ao desejo expresso pelo Papa Francisco na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (n.4) quanto a interdisciplinariedade, enquanto união de forças e saberes de várias ordens em busca de uma verdade mais completa e concisa.

A arte musical é um meio de o homem não só perceber, experimentar, mas também de expressar esse mistério que está para além e foge à compreensão, isto porque ela trabalha com uma linguagem simbólica, metafórica. Assim como ela pode ser um meio de o sagrado revelar-se, permanecendo mistério (Villas Boas e Manzatto, 2016, pág.07). Tanto o é que há inúmeras obras de arte que por mais que o tempo passe, sua interpretação nunca se esgota e sempre se apresenta como atual. Isso só espelha o fato de que Deus sempre tem algo a mais a falar ao ser humano e se não o faz é em respeito a sua capacidade limitada de compreensão e por isso, pouco a pouco, ele vai então mostrando-se falando ao homem (Queiruga, 2010, pág.17-19).

Portanto, a arte não deve modificar seu modo de ser e falar, pelo contrário, ela deve manter-se fiel ao seu modo de ser para que possa contribuir ricamente com a reflexão teológica. Visto que sua capacidade de adentrar o íntimo da realidade humana é inegável, tanto que quando se quer fazer homenagens, mesmo dentro das comunidades religiosas, recorre-se a poemas, músicas. Justamente porque ela tem a capacidade de falar diretamente ao coração das pessoas, capacidade esta que é de grande valia para a teologia, sobretudo, no hoje da história. De tal modo, ela não só permite um conhecimento sobre o ser humano, mas também a possibilita a afirmação dele (Manzatto, 2016, pág.10-11).

É preciso ater-se com atenção à letra das canções para detectar o que há ali de religioso apesar de ser uma música secular (Teixeira, 2018, pág.55). A música canta os anseios e angústias do homem, principalmente dos mais pobres, e tais preocupações também são da Igreja, pois ela reconhece o valor e a profundidade das experiências humanas (GS, n.1). Afinal, pessoas simples, sobretudo, as mais idosas, guardam a feliz memória de canções que as acompanharam durante a vida e tudo isso ecoa no coração da Igreja. Vale recordar que o sagrado está para além dos limites jurídico-institucionais e por isso ele pode manifestar-se e atingir inúmeras pessoas de forma atemporal, inclusive por meio das músicas ditas seculares.

### **3. A música como lugar de exercício do pensamento teológico**

A arte é uma dimensão complexa e plural, pois possui diversas expressões e se comunica com uma linguagem própria, permitindo que cada homem encontre seu caminho e faça uma experiência de transcendência única e individual (PLE, n.7). A partir deste ponto, o trabalho irá se deter na música, como uma dentre tantas expressões artísticas, o que permitirá avançar a reflexão teológica para novos horizontes, possibilitando um olhar mais alargado sobre o humano (Manzatto, 2015, pág.25), pois a música é o retrato cantado da existência humana, de

modo que ela traz a luz da consciência aquilo que se experimenta na dura realidade da vida: “Pai, afasta de mim esse cálice, [...] De vinho tinto de sangue.” (Buarque e Gil, 1978).

Não significa que se deva analisar qualquer canção, rendendo-se aos interesses comerciais de músicas das paradas de sucesso, mas de analisar aquelas que são significativas e que por moldarem a alma do povo, são lembradas (Manzatto, 2015, pág.29). Essas músicas manifestam a alegria da convivência fraterna independente de seu teor ser religioso ou não (Manzatto 2022a, pág.38). Elas possuem uma linguagem de relevância para a teologia, pois permitem constatar na concretude da vida, a experiência de Deus, daí que uma espiritualidade autêntica, não separa corpo e alma, fé e cultura, mas reconhece no humano o lugar da ação do Espírito (Tolentino Mendonça, 2016, pág.11).

Ou seja, a seleção de músicas não deve ceder a interesses que levam a usar das canções para dizer algo que se crê de modo diferente (Manzatto, 2015, pág.29). Deve-se ter respeito por essa dimensão artística visto que, mesmo as composições seculares participam de uma dinâmica interação com o Sagrado, pois nelas os compositores revelam suas interpretações da relação homem-Deus, ainda que de modo não confessional (Souza Mendonça, 2010, pág.3). A própria cultura popular brasileira foi moldada pela música, desde modinhas e sambas até o advento da música religiosa, sobretudo as de confissão católica (Manzatto, 2022b, pág.323), o que desvela a forte presença do catolicismo no processo de desenvolvimento da cultura nacional.

Para Manzatto (2022a, pág.38), a música não é apenas entretenimento, ela possui uma forte capacidade de ensinar, inclusive sobre a fé, de modo que, forma consciências: “Assim, elas não apenas revelam o que já existe e apresentam o jeito de ser [...], mas também propõem modos de ser [...]. [...] formam a cultura e são formadas por ela, cantam o que somos e nos tornamos àquilo que com elas cantamos” (Manzatto, 2022b, pág.325). Daí que, as músicas que as pessoas cantarolam, ainda que sejam seculares, revelam uma experiência de amor e de fé e, em suma, da imagem de Deus que ela tem, por isso a qualidade da música não se mede apenas pela técnica, mas pela capacidade de provocar essa experiência (Bento XVI, 2017, pag.12).

Isso implica no âmbito eclesiológico, visto que o tipo de música utilizado nas celebrações não apenas expressa um modo de ser, mas molda a identidade da comunidade de fé (Manzatto, 2022b, pág.325). A música, portanto, não só forma a consciência das pessoas, mas a dimensão devocional, tanto que se percebe pelas músicas atuais que há uma espiritualidade predominantemente intimista e individualista centrada na relação eu e Deus. Assim surgem música como: “[...] “Noites traiçoeiras” de Carlos Papae, ou “Ninguém te ama como eu”, do costa-riquenho Martin Valverde, versão de Nelson Correa e Jorge Guedes.” (Manzatto, 2022b, pág.342), dentre outras que se popularizam ao longo da história.

Hoje há uma forte valorização do sentimentalismo, de modo que a celebração, por meio da música, traz uma obrigação de ter que causar algo desde um arrepio a um calor. Tolentino Mendonça (2016, pág.11-25) critica essa espiritualidade que se refugia na intimidade subjetiva e se distancia do corpo, da história e do mundo, pois para ele o verdadeiro encontro com Deus acontece no concreto da vida. Por isso Manzatto (2022b, pág.342) pontua a importância de resgatar músicas que falam da identidade de povo enquanto Povo de Deus, com temas de compromisso social-ético-religioso. Sobretudo em tempos em que a democracia se vê atacada e o magistério de Francisco questionado por modelos que visão impor ao invés de propor.

Não obstante, vale ressaltar segundo Calvani (1998, pág.09-10) que durante muito tempo a teologia privilegiou o diálogo com a filosofia, sociologia, política e economia ignorando a dimensão artística por enxergá-la apenas como um hobby. Contudo, se a teologia é ato segundo porque nasce das experiências vividas pelo povo e, a música, por sua vez, é a história cantada dessas experiências. Logo a dimensão artística e neste caso a música, constitui-se como o lugar do fazer teológico, pois é próprio da música ser inefável e por isso a teologia tem um campo aberto para explorar, o que permite dizer “Música como teologia”, visto que ela conta a história do homem que se abre e faz experiência do Mistério (Silva, 2015, pág.5-7).

Santo Agostinho (2018, pág.196-197) por sua vez, afirma que a música não é apenas mais uma expressão artística dentre outras, mas caminho para a compreensão do Sagrado, pois para ele, a ordem, o ritmo e a harmonia presente em uma música refletem a ordem e a beleza do Criador. De modo que, mais do que um entretenimento, ela faz com que o homem passe do sensível para o inteligível e com isso, para Deus. Trata-se, portanto, de um caminho de ascese espiritual, de modo que o homem alcança a ordenação dos afetos, contempla a beleza de seu Criador, chegando a uma íntima e profunda união com ele. Por isso ela se constitui como um lugar ou modo de fazer teologia, justamente por provocar esse movimento para Deus.

É por isso que o Papa Francisco (PLE, n.5-7) pede não só a superação dessa visão deturpada e reducionista sobre a arte – literatura – como estimula que tal dimensão seja um pilar vivo na formação dos futuros presbíteros da Igreja. Afirma ainda que, por meio da literatura, torna-se possível encontrar não só seu próprio caminho, como também dar nome àquilo que lhe falta, pela identificação com as histórias e personagens. Visto que, mais do que ler, ouvir, admirar, sentir. trata-se de adentrar naquela realidade e por meio dela, fazer uma experiência de transcendência. Em suma, o contato com as diversas experiências artísticas permite aprofundar a revelação em sua dimensão polifônica.

Logo, a arte e, neste caso a música, constituem-se como um novo modo de se fazer teologia. Villas Boas (2020, pág. 26), recorda que já na década de 90 falava-se de uma virada

linguística, de modo que, segundo De Mori (2012, pág.230), a linguagem do discurso religioso passou a assumir tons poéticos. Diante disso, conforme Lima e Manzatto (2014, pág.254), a teologia pode então dar passos e estabelecer um verdadeiro diálogo com o mundo moderno recuperando a linguagem simbólica do período patrístico, fugindo do cárcere de conceitos abstratos que pouco dizem da vida concreta e do sentido da vida. Com o resgate do simbólico e do imaginário há então um retorno, um reinteresse pelo sagrado.

Conforme Gesché (2005, pág.140-152), para comunicar a fé, as narrativas míticas da tradição judaica e o próprio mundo do Antigo Testamento, recorriam ao imaginário como base de sustentação. Logo, o discurso da fé é sustentado por um universo de representações – símbolos – que transmitem sua mensagem de forma eficaz. Com isso há um risco de romper com o real e cair num mundo esquizofrênico e patológico, mas quando utilizada em sua perspectiva positiva, a imaginação manifesta e dá vida os mitos familiares, aos sonhos que não afastam, mas inserem de forma ainda mais viva o homem na realidade, pois o leva a construí-la. Trata-se, portanto, de um retorno as origens do discurso religioso, daí o reinteresse.

Trata-se da saída de uma teologia enrijecida para a originalidade do discurso teológico presente na Escritura, visto que ela possui uma linguagem mais solta, permeada por símbolos e metáforas (Lima e Manzatto, 2014, pág.254). Isto porque: “A ficção ensina-nos, enormemente, sobre o ser humano, e às vezes bem mais e bem melhor do que a antropologia racional” (Gesché, 2005, pág.149). Desse modo, torna-se possível não só conhecer o homem, como também fazer uma nova antropologia (Lima e Manzatto, 2014, pág.255), e assim entender como ele se relaciona com o sagrado. Logo, trata-se de um campo ao qual a teologia pode explorar justamente por oferecer um universo de possibilidades.

Visto que: “Em primeiro lugar a fé interage com a capacidade humana de Imaginação [...]” (Haight, 2004, pág.44) justamente pelo fato de que a experiência religiosa: “[...] em face de um transcendente que “transcende” os conceitos, só se expressa por linguagem simbólica, analógica, literária, marcada de um imaginário criativo, pulsante de vida e sentido de vida!” (Lima e Manzatto, 2014, pág.259). Isto não significa que a fé seja uma ilusão, mas alusão a promessa feita por Deus – de uma terra, um reino, etc. – que trazem uma firme esperança ante os sofrimentos e injustiças da vida presente (Lima e Manzatto, 2014, pág.259). Por isso não só é possível como louvável, que a teologia trilhe por esses caminhos.

#### 4. A experiência religiosa a partir da música secular

Mediante o caminho feito até aqui, foi possível compreender que música e teologia não só podem, como devem estabelecer um diálogo. O que possibilita não só uma compreensão mais profunda acerca do homem, como de sua relação com Deus e a imagem que este tem d'Ele. Não obstante, a música é também um meio de se fazer uma experiência de transcendência. E isto se dá porque: “A música é a língua materna de Deus. Foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam. Que em África, os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro. Proibiram os tambores. Na verdade, se não deixassem tocar [...] Faríamos do corpo um tambor [...]” (Bethânia, 2019).

Segundo Manzatto (2020, pág.104-105), o Brasil destaca-se por meio de figuras como Chico Buarque, que possuem uma habilidade estimável de traduzir em palavras cantadas, toda a dramaticidade da experiência humana. Daí que, se na teologia a Palavra é central, também o é na arte, na medida em que se realiza o exercício artesanal de escolher a palavra certa que traduza aquilo que há no interior humano. Ou seja, tudo se dá em torno do Logos – da Palavra. Por ela, Deus educa e conduz o povo, se encarna e habita o mundo, assim também se dá com o artista, que pela palavra educa e habita o pensamento das pessoas, coloca para fora o que sente e leva outros a fazerem o mesmo e com isso, a fazerem uma experiência de transcendência.

Logo, pela palavra – cantada – também é possível encontrar o divino e fazer uma experiência com ele, independentemente de ela ser diretamente de cunho religioso, pois a música canta os acontecimentos da vida e é nela, na historicidade de cada um, que Deus se faz presente. Disso resulta a importância de tratar a palavra com dignidade no ato de compor, assim como de prestar atenção naquela que se está a ouvir. Visto que não é: “[...] mera forma de dizer algo, como se fosse apenas um meio de comunicação entre dois seres, o emissor e o destinatário. Palavra é mais que comunicação, é até mais que arte, é forma de habitar o coração do pensamento, é ato humano de ser, mais do que de designar.” (Manzatto, 2020, pág.113).

A arte é a expressão da vivência da espiritualidade para além da jurisdição de instituições eclesiais, possibilitando ao homem, conforme Cappelli e Villas Boas (2023, pág.99), dinamizar a vida, meditar e crescer em sabedoria. Sendo ela pois, fruto da inspiração do Espírito que leva o homem a transcender os problemas e intempéries da vida, ela configura-se como um instrumental de libertação. Seguindo Boff (1976, pág.121-122), a arte seria então, o lugar da manifestação da graça que penetra, preenche e plenifica o homem, conduzindo-o a um caminho de libertação. Ela irrompe de tal forma em sua vida, pela espontaneidade e criatividade que ele não pode controlá-la, ela é mais forte, só lhe resta abrir-se a ela.

Segundo Boff (1976, pág.121-122) a arte é o lugar que melhor reflete a experiência da gratuidade da graça enquanto absoluta espontaneidade, como capacidade criativa, onde por meio do pincel, no acorde ou na escrita, cria-se um universo novo. Neste momento de criação o poeta sente-se tomado por uma força maior: “[...] A vida é amiga da arte [...]. Por isso uma força me leva a cantar. Por isso essa força estranha no ar. Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz tamanha.” (Veloso, 1978). Essa força, leva o artista até a exaustão e a sentir-se tomado: “[...] por algo que está acima, dentro, fora deles, empurrando-os a criar, sacudindo-os a extrojetar a experiência interior.” (Boff, 1976, pág.121).

Dentro dessa experiência: “O poeta pode exclamar: a palavra me engole; o pintor: a forma e a cor se apoderaram de mim; o músico: a música, a suavidade me arrebataram.” (BOFF, 1976, pág.121). Ou seja, a experiência artística demanda tanto a inspiração dessa força que irrompe na vida do homem e o interpela, como também o esforço e o trabalho humano de se pôr a serviço dela e de alguma forma, traduzi-la em alguma linguagem. Logo, a experiência da graça divina se dá na história humana, é ali que ela o interpela e o leva por meio da arte a fazer um caminho que é de inspiração, trabalho e ascese. Por isso a arte é tão rica e plural, porque é fruto da graça e está se dá a todos (Boff, 1976, pág.121-122)

Por isso para Manzatto (2020, pág.119-120), ainda que as canções seculares, não tragam temas especificamente religiosos, por causa da palavra ela se próxima de temas comuns a fé. Ou seja, a música pode proporcionar uma experiência religiosa para além da fé confessional, já que o artista trabalha com aquilo que é central no diálogo entre arte e teologia, o humano. Um exemplo simples está no ato de criar: pela Palavra Deus cria o mundo, assim como pela palavra o artista constrói um novo mundo e nisso, recorda-se a vocação do homem de ser senhor e guardião da criação (Gn 1,28-30), em suma, co-criador. Daí que a música secular não só propicia a reflexão teológica, mas apresenta a relação do homem com Deus nas entrelinhas.

Trata-se, portanto, segundo Calvani (1998, pág.47-49), de fazer uma teologia a partir da cultura à medida que se reconhece o conteúdo religioso presente nela. De encontrar na e a partir da cultura aquele conteúdo substancial que dá o sentido – essencial – às coisas. E isso só se torna possível mediante o exercício de: “[...] penetrar nos subterrâneos espirituais da vida, de onde provêm a arte, a religião, a economia, a filosofia, e mostrar que toda cultura está prenhe de revelação, e que cabe ao teólogo da cultura fazer o parto, num exercício semelhante à maiêutica socrática.” (Calvani, 1998, pág.49). Logo, o teólogo deve discernir quais elementos religiosos se fazem presentes na cultura e de que modo, para então dialogar com ela.

Não se trata, conforme Calvani (1998 pág.51) de julgar o valor estético e artístico das obras de arte, mas sua profundidade religiosa, sua capacidade de revelar e falar do sagrado para

além da compreensão judaico-cristã. Quando se trata da música brasileira a MPB se destaca enquanto capacidade criativa de apresentar uma visão do mundo e da sociedade. E apesar do cantor Tiago Iorc definir-se como pertencente ao gênero *Pop*, segundo Calvani (1998, pág.13): “[...] a tendência é afirmar que MPB é toda música feita por e para brasileiros, independente de seu ritmo ou dos instrumentos utilizados em sua execução.” tanto o é que a tradução literal e superficial de música *Pop* seria música popular.

A escolha por Tiago Iorc, deu-se por ser um cantor atual, que não se prende as exigências da mídia, mas permite-se parar suas atividades para repensar a vida e assim transmitir uma mensagem por meio da música. Além do fato de já ter sido indicado diversas vezes ao Grammy Latino, o que lhe resultou alguns prêmios: em 2017 ganhou o prêmio de melhor álbum *Pop* contemporâneo em língua portuguesa com “Troco Likes ao vivo: um filme de Tiago Iorc” e de melhor canção em língua portuguesa com “Trevo (Tu)” em parceria com Ana Vitória; em 2019 novamente de melhor canção nacional com “Desconstrução” e o mesmo em 2023 com “Tudo O Que A Fé Pode Tocar” conforme conta no site oficial.

A música pode, portanto, propiciar uma experiência religiosa estética secular, tanto que são diversos os relatos de pessoas: “que foram tocadas pela audição de alguma canção popular. [...] Trata-se, inegavelmente, de uma experiência de tipo místico, de uma mística secularizada que não trabalha rigorosamente com vocabulário ou harmonias procedentes diretamente dos meios eclesiásticos [...]” (Calvani, 19998, pág.15). Nesta vivência do sagrado, a fé anda de mãos dadas com a dúvida e a incerteza, ela se torna dinâmica e indagadora do sagrado: “Quando oiei a terra ardendo. Qual fogueira de São João. Eu perguntei a Deus do céu, uai. Por que tamanha judiação?” (Gonzaga e Teixeira, 1947).

Para tal, é preciso segundo Calvani (1998, pág.55), compreender que, ainda que cultura não tenha uma intenção direta de ser religiosa, ela acaba por trazer implícita esta dimensão visto ser obra, produto e manifestação do Espírito, já que Ele pressupõe a vida em todas as suas dimensões. Logo, ainda que não haja a consciência, há substancialmente um sentido religioso por trás da expressões artístico-culturais na indagação do sentido da vida e o porquê do sofrimento. O Espírito não se prende a institucionalização da fé e da religião, por isso cabe ao teólogo fazer o exercício de mergulhar na realidade cultural do povo, se quiser dialogar com este dar respostas para o hoje.

Por fim, segundo Eliade (1992, pág.13-50), o sagrado se manifesta no profano por meio de elementos do cotidiano como árvores, pedras, músicas. Essa irrupção do sagrado no profano vivida pelo homem religioso, sacraliza aquela realidade, objeto, de modo que, toda vez que o homem se coloca diante dela, é transportado para o sagrado. Assim, ele experimenta algo que

está para além daquela realidade e do tempo, é transportado para uma experiência de outrora, mas que permanece atual: “Compositor de destinos. Tambor de todos os ritmos. [...]. Entro num acordo contigo. [...]. Por seres tão inventivo. E pareceres contínuo. [...]. És um dos deuses o mais lindo. Tempo, tempo, tempo [...].” (Velooso, 1979).

## **Conclusão**

Portanto, a música é um meio de fazer uma experiência do sagrado para além dos limites jurídicos das instituições e enquanto canal da inspiração divina, leva o homem a criar coisas novas. Possibilita ainda que ele se comunique e coloque para fora aquilo que se passa dentro, proporcionando autoconhecimento e a ordenação do espírito, culminando numa ascese. Nada muda se ela for secular, pois ela constitui-se como um canal de manifestação da graça divina e por isso, ainda que indiretamente fala d’Ele. Isso se dá pelo fato de que a ela constitui-se como fruto do Espírito que age na história humana e se comunica de diversos modos. Com a música não é diferente, visto que ela é uma das diversas manifestações artísticas.

## 2. AFINANDO O TOM: O ENCONTRO COM O DIVINO A PARTIR DA REALIDADE HUMANA.

### Introdução

Segundo Boff (1975, pág.09-10) o homem é capaz de ler a mensagem que o mundo traz, logo, a vida é um exercício de leitura e interpretação, visto que tudo é sinal de uma realidade maior. Isso permite entender o homem como sacramento ou hierofania do divino, sem deixar de ser ele mesmo (Eliade, 1992, pág.13-21). Por isso, por mais que tente viver apartado de Deus, não consegue, visto ser obra d'Ele. Portanto, aos olhos de quem sabe ler, até mesmo o homem compreende-se como um ser – existencial – sobrenatural, visto que sua estrutura se encontra sempre aberta para o mistério absoluto de Deus, visto ser um ser orientado e chamado por Ele (Rahner, 1989, pág.31-50).

A humanidade sempre buscou compreender-se a partir do divino e isso é mais que um exercício intelectual, é um movimento existencial de autodescoberta e transcendência que envolve a complexidade de seu ser. Esse movimento desvela sua inquietação e abertura ao mistério, incluso de si, que por sua vez deriva do fato de ser *imago Dei*<sup>2</sup> e consequentemente, ser de relação e transcendência. Logo, falar do homem é também falar de Deus, de sua relação com Aquele que lhe dá uma verdade, que é de salvação, e que o permite compreender a si mesmo, pois é na revelação divina que a verdadeira identidade e vocação humana são plenamente compreendidas (Ladaria, 1993, pág.9-10).

Por isso, nesse capítulo, propõe-se explorar quem é este ser que se constitui como o ponto de diálogo entre teologia e literatura e mostrará que o conhecimento de si é inseparável do conhecimento de Deus, já que ele é a origem e o fim do homem. A reflexão começará por considerá-lo como um ser mistérico que vive tentando compreender-se, mas encontra dificuldades, pois criado a imagem e semelhança de Deus, apresenta-se como um ser inefável. Sendo *imago dei*, buscar-se-á apresentá-lo como ser em constante relação, sobretudo, com Deus. Ou seja, ele sempre está num movimento de saída de si, de superação dos obstáculos e em busca de seu criador, o que permitirá afirmá-lo como sendo um ser de transcendência.

---

<sup>2</sup> Imagem e semelhança de Deus.

## 1. Homem como ser misterioso.

Uma das questões que sempre acompanhou o homem e o pôs a refletir é sobre a razão de si – quem ele é – e isso se faz presente em textos antigos como os bíblicos: “Que é o homem, para dele te lembrares, [...] o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste”. (Sl 8, 5-7). Ladaria (1993, pág.9-12) destaca que a antropologia teológica permite compreender que é Deus quem dá a conhecer a que o homem está chamado, visto que a plenitude da compreensão humana se dá na relação com o divino. Não obstante, isso se dá justamente por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus que em Cristo, leva a humanidade a sua plenitude.

Aqui dá-se a entender que estas perguntas são feitas aquele que seria a sua origem: “Desde sempre, para entender a si mesmo, o ser humano foi bater à porta dos deuses. Afinal de contas, não é no frontispício de um templo, em Delfos, que está inscrito o famoso conhece-te a ti mesmo?” (Gesché, 2003, pág.05). Para La Peña (1998), Deus está na origem, mas também no meio, capacitando-o e levando-o a ultrapassar seus próprios limites e assim, transcender, mas também se encontra na causa final, pois o atrai para si. Por isso o homem é inquieto, em busca de algo a mais que o sacie, pois no fundo busca Deus. Logo, o autoconhecimento leva a outro questionamento inesgotável, pois faz considerar a existência do divino.

Gesché (2003, pág.11) recorda ainda que o homem sempre se encontra num constante movimento de busca dos segredos que sua própria natureza conserva. E que, por mais que o homem queira, ele não consegue ser transparente consigo mesmo e com os outros de forma plena, coisa que leva Gesché a propor que se inicie daí o estudo e a compreensão dele, isto é, a partir da sinceridade de si. Na busca dessa identidade, muitas realidades prestam contributo ao ser humano, como a ciência, a arte, a afetividade, a sociedade, incluso a religião. Logo, a primeira realidade que põe o homem em movimento, é o desejo de compreende-se e se ele sempre está nessa busca, é porque o mistério de si não se esgota.

Mesmo com o avanço da modernidade que aos poucos foi denominando-se como secular, vê-se ressurgir estas velhas questões sobre a origem do homem, o sentido da dor e do sofrimento, do mal e da morte, de sua origem (GS, n.10). Diante disso, o diálogo fé e razão surge como caminho de contemplação da verdade – que é Deus, causa e origem do homem – e ao conhecê-la, o homem chega então ao conhecimento de si (FR, introdução). Por isso se faz crucial assumir para si o questionamento de Agostinho (1984, pág.139): “Quem sou eu? E como sou?”. Trata-se de questionar a si mesmo, assim como a Deus e a partir d’Ele para compreender-se plenamente.

Tal realidade foi reafirmada no Concílio Vaticano II (GS, n.22): “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.”. Ou seja, a compreensão plena do homem só se dá em Cristo porque ele une em si o mistério humano e divino, de modo que ilumina e explica o homem a si mesmo, a partir dessa íntima ligação e identificação com Ele (Herrerias, 2017, pág.302-307). Visto que, Jesus não só eleva, como mostra e explica o sentido da verdadeira dignidade e essência humana a partir de si (Ratzinger, 1985, pág.184-190).

Não obstante, há que ter em mente que a encarnação do Verbo não é algo isolado no tempo, mas um ponto culminante e irreversível da autocomunicação divina ao homem, visto que nela se dá de modo essencial a realização do humano, de modo que o homem se torna a cifra e a pergunta radical por Deus, cuja resposta é justamente o homem-Deus, Jesus de Nazaré (Rahner, 1989, pág.240-268). Sem este mistério de amor, o homem torna-se um ser vazio de sentido, um ser que é incompreensível para si e para os outros (RH, n.10). Portanto, não é o humano que explica o divino, mas o divino que explica e dá a entender o verdadeiro significado de ser, humano.

É por isso que o mistério do homem, segundo Ladaria (1993, pág.10-14), não pode ser reduzido a definições filosófico-científicas, visto envolver uma abertura radical ao transcendente, o que denota sua vocação à comunhão com Deus. Trata-se de uma existência marcada pela liberdade e pela fragilidade (pecado), uma vida essencialmente relacional. O mistério do homem é, portanto, inseparável do mistério de Deus revelado em Cristo, e só pode ser plenamente compreendido à luz da fé cristã. Ele é o objeto e o destinatário da revelação do amor do Pai que se dá em Cristo que o faz descobrir uma verdade que não só é de salvação, mas revelação de seu próprio ser, pois ela não só diz quem é o homem, mas a que ele é chamado.

Vale recordar, segundo Gesché (2003, pág.15-16) que o ser humano não pode ser reduzido a sua mera capacidade racional, ele é mais do que isso, ele é um enigma e nisso ele recorda a declaração que Agostinho faz, de ter-se tornado um mistério para si. Isso desvela o fato de que o homem é um ser que, por mais que tente esgotar as possibilidades compreensão de si, ele nunca chega a uma resposta completa e fechada. Daí que pode ser compreendido como um ser misterioso. E aqui, desvela-se o contributo que religião oferece para o autoconhecimento, pois ela tira-lhe o véu dos olhos e o faz compreender que tal como Deus, o homem também se revela como um ser *absconditus*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Traduz-se por escondido. Conforme Pastor (2012 pág.198-225) Deus, embora revelado, permanece um mistério, o que permite afirmar que sempre há algo a mais a conhecer sobre ele. Daí que, ao valer-se da via apofática para

Para Montserrat (2013, pág.323-325), a tragédia humana consiste no experimentar-se gradualmente limitado e finito, não sabendo a que ater-se para desvendar o enigma do universo. O homem que entende isso, não se detém ante respostas prontas e superficiais, pois sabe que está imerso no mistério do mundo e de si, num mistério *tremendum* que lhe causa espanto e respeito e o faz intuir que há uma realidade por trás de tudo o que experimenta (Vives, 1986, pág.29-30). Esse sentimento paradoxal, se dá quando se está diante do numinoso – sagrado –, causando espanto, por perceber-se insignificante diante daquele que é inefável, como também respeito admiração, em suma, repele e ao mesmo tempo atrai (Otto, 2022, pág.18-50),

Isto permite ao homem tomar consciência da presença do divino que quer comunicar-se com ele, visto estar sempre diante de Deus, ainda que não perceba (Queiruga, 2010, p.201). É a partir dele que o homem se compreende, visto ser sua imagem, por isso da dificuldade, pois quanto mais contempla – Deus – menos se vê e compreende, pois não é possível abarcá-lo (Certeau, 2006, pág.313-315). Ao homem religioso é possível porque com as entranhas renovadas ele sente a existência de modo diferente e assim, no íntimo de si, estabelece uma comunhão com aquele que está por trás de tudo (Idigoras, 1991, p. 122). Por isso Inácio de Loyola afirma que não é o saber, mas saborear internamente que sacia a alma (EE, n.2).

Isto permite a Villas Boas (2020, pág.35), afirmar que o homem também é lugar da revelação divina. O homem é um ser aberto ao divino e é por meio de seu coração que ele acolhe a autocomunicação divina e compreende o mistério da encarnação, do Deus que se fez homem (Gonçalves, 2020 pág.48-55), e falou de coração para coração. Ali, no mais íntimo de si, em seu coração, no lugar onde reside não só o poder de decisão, mas a sua própria identidade (DN, n.14-15), é que Deus o espera e o chama pacientemente, convidando-o a fazer o bem (GS, n.16). Nisto o homem vai compreendendo não só a si mesmo, mas também que em Cristo, Deus é capaz do homem e o homem por sua vez, é capaz de Deus<sup>4</sup>.

Por isso, ao invés de buscar e chegar a respostas fechadas que se apresentam mais como alternativas frágeis e superficiais, oferecendo concepções reducionistas acerca de seu ser, dever-se-ia valorizar as perguntas inteligentes que o homem pode, consegue e deve fazer a si. Visto que são elas que o colocam numa continua atitude de busca de compreensão de si. Tudo

---

alcançar algum conhecimento sobre Deus, chega-se à conclusão que ele é um ser fundamentalmente inefável, incompreensível e transcendente. O que aqui pretende-se afirmar é que, a seu modo, o homem também se explica por meio de tais categoriais, conforme apresentado ao longo do texto.

<sup>4</sup> Aquino (ST, VIII, q. 1-3) afirma que era conveniente que a Pessoa do Verbo se encarnasse para tornar visível o poder e bondade divina, coisa que é conforme a sua natureza, autocomunicar-se. Não obstante, é pelo Verbo que tudo foi feito e sendo Ele a sabedoria eterna, quanto mais o homem se configura a Ele, mais galga em sabedoria e assemelha-se a Ele, homem perfeito, tornando-se capaz de Deus, pois Ele reúne em si, o humano e o divino, para ordenar para Deus, aquilo que o pecado danificou.

o que é fechado e sólido, hora ou outra quebra-se facilmente. Diante disso, cabe perguntar sobre o balanço de danos e ganhos que tais respostas trouxeram ao longo da história. Visto que, criado pelas mãos divinas (Gn 2,7) o homem não se apresenta como uma fórmula matemática passível de ser solucionada mediante fatores pré-determinados (Gesché, 2003, pág.15-23).

Tais métodos não podem fornecer uma resposta que satisfaça verdadeiramente o coração humano, justamente por ignorarem o que está na origem, isto é, Deus (Pascal, 1999, pág.137-138). Logo, há no homem algo de belo e inesgotável, há algo de sobrenatural, visto que lá se encontra sua origem. O que faz com ele se apresente como um prazeroso campo de investigação mistérico. Não obstante, este enigma também: “[...] o constrói, pois lhe abre um campo: o da interrogação que o impede de se fechar, o convida a procurar algumas respostas, mas que jamais serão suficientes, porque elas não podem e nem devem sê-lo. Deus criou o dia, mas também criou a noite.” (Gesché, 2003, pág.09).

Portanto, o homem é um ser com possibilidades infinitas visto constituir-se como uma de suas perguntas fundamentais as quais não consegue superar (Rahner, 1989, pág.46). Ele é a pergunta em aberto, que retorna para si, mas que busca em Deus respostas, até que compreende que Deus está em seu íntimo e ele fora (Agostinho, 1984, pág.168). É preciso que ele adentre em sua interioridade e descubra Deus, não como algo externo, mas como a luz que ilumina sua inteligência, visto que a alma não poderia, pois, conhecer-se a não ser em Deus, nem conhecer a Deus a não ser em si mesma (Gilson, 2006, pág.54-57.159-162). Logo, o autoconhecimento é a via para uma experiência mística profunda (Botura e Mariani, 2025, pág.339)

## **2. Criado a imagem e semelhança de Deus.**

Diante do que foi apontado até aqui, chega-se à compreensão de que o homem é um ser mistérico. O Problema é que esta resposta é insuficiente, ela não responde à pergunta, o que é o homem? Por isso, ele continua a elaborar diversas e contraditórias opiniões acerca de si, fazendo com que hora se exalte hora, hora se desespere e angustie. A Igreja, enquanto mãe e mestra de humanidade, coloca-se ao seu serviço ao dar-lhe uma resposta que abarque e defina verdadeiramente a sua condição de ser criado à imagem e semelhança de Deus – *imago dei* – a partir da revelação divina (GS, n.12). Conforme o relato bíblico de Gn 1,26-27 que constitui um pilar fundamental da antropologia teológica cristã.

O relato traz uma diferença crucial entre a criação do homem para com das demais criaturas, pois enquanto estas últimas são chamadas a existência, o homem é particularmente moldado pelas mãos divinas: “E Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou

em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2, 7). Isto demonstra que aquele que cria deposita na obra criada o seu próprio ser (João Paulo II, 1999, n.01), ele sopra em suas narinas a *Ruah* divina formando nele a – *nefesh* – alma humana. O que permite concluir que há uma relação especial entre Deus e o homem e que o homem goza por sua vez, de um especial dignidade ante as demais criaturas (Flick e Alszeghy, n.121).

Segundo Pastor (2012, pág.212) Deus é um ser Inefável, pois se revela escondendo-se e se esconde revelando-se, logo, sempre tem algo novo a comunicar. O que ilumina a ideia do homem como um ser mistério, pois sendo *imago Dei*, o homem constantemente descobre algo novo em si de modo a realizar um movimento de autotranscendência. Isso se prova pelo simples fato de constituir-se como um ser imerso na história, que é de salvação, que o leva a caminhar superando seus desafios e a si mesmo, até a plena consumação (Flick e Alszeghy, n.6). E por ser *imago Dei*, apresenta-se como capaz de conhecer e amar o seu Criador, que por sua vez o constitui senhor de todas as criaturas, para as dominar e delas se servir (GS, n.12).

Este senhorio indica a responsabilidade de cuidar e guardar a criação ao invés de servir-se ao bel prazer, esgotando recursos e levando o planeta ao colapso (LS, n. 4 e 5). Isto leva Rubio (1989, pág.6) a afirmar que o atual desafio ecológico leva a revalorizar a união do homem com a criação e assim, a redescobrir o valor do cosmos, possibilitando a superação de uma mentalidade de domínio, instrumentalização e manipulação em vistas de um acúmulo de capital. Diante disso, Francisco (LS, n.65-75) chama atenção para a responsabilidade ética perante a sociedade e a criação, para que com isso seja possível superar o excesso de antropocentrismo e tecnicismo que levou ao esquecimento de que tudo está interligado (LS, n.15-18).

O homem é, segundo Gesché (2003, pág.50-85) cocriador e possui a missão de conduzir a criação até sua plena realização em Deus, que com seu repouso no sétimo, convida o homem a assumir o papel de protagonista e assim, continuar seu gesto criador. Com isso, Deus não se coloca em omissão ou passividade, Ele respeita a liberdade humana e acompanha cada passo. Tanto que pede ao homem que nomeie cada criatura (Gn 2,19-20) e ao fazê-lo, as criaturas passam do ser ao existir. Disso resulta, segundo Rubio (1989, pág.237) a sua missão não só de contemplar este caráter simbólico-sacramental que o une a todo o cosmos, mas que o cuidado para com ele tem a ver com o fato de que o seu destino se encontra unido ao dele.

Por isso, João Paulo II, em sua Carta aos Artistas (1999, n.1-2), destaca a capacidade criativa do homem, que ao plasmar a matéria ou mesmo no ato de expressar a verdade e a beleza através da arte, revela-se de modo singular como imagem do Deus Criador. Aqui não se trata meramente de técnica, mas de participação no poder criador de Deus. Logo, a arte é um caminho para a redescoberta da identidade humana como imagem do Deus criador. Visto que, o ato

divino de criar tem como resposta uma consequente ação livre de amor, que permite que o outro seja e exista, do mesmo modo o homem, ao permitir-se amar, dá espaço – condição – para que o outro venha a ser e existir e assim cria o novo (Rubio, 1989, pág.235).

Para uma compreensão integral do que é o homem, não só é preciso considerar o sobrenatural como também o fato de que ele é a coroa da obra da criação divina: “Deus viu tudo o que tinha feito e era muito bom. (Gn 1,31). Isso leva S. Tomás de Aquino (ST, I, q. 93) a afirmar que o homem surge no relato bíblico como uma síntese da obra criadora de Deus, dotado de corpo e alma (Ladaria, 1993, pág.18). Disso resulta o fato de que, sendo *imago Dei*, o homem apresenta-se como único capaz de ser um ‘tú’ diante de Deus, o que indica uma relação dialógica, chamado divino e resposta humana de adesão a este compromisso de amor, de modo que também se constitui como cooperador de Deus na história (Flick e Alszeghy, n.122-123).

Aberto a autocomunicação divina e interpelado historicamente, o homem constitui-se como este “tú” – um existencial sobrenatural – isto é, como: “[...] o único ouvinte possível da Palavra divina, porque, por sua constituição [...] ele é abertura à totalidade da realidade e, portanto, abertura a Deus.” (Marcos e Filho, 2012, pág.43). Esta revelação é de uma história de salvação, de uma relação de amor que Deus quer estabelecer com o homem (Flick e Alszeghy, n.7-8). Daí que o homem, não se constitui como um ser fechado em si, ao menos não deveria ser, mas destinatário por excelência da autocomunicação divina, na qual se manifesta sua dignidade mais profunda (Marcos e Filho, 2012, pág.49).

Logo, a realidade humana é dinâmica, pois supõe um chamado divino e resposta humana. Em suma, uma relação direta do homem para com Deus, cujo ápice se dá no mistério da encarnação de Cristo. Este mistério também restaura a vocação do homem de ser semelhança de Deus, já que ela foi deformada com o pecado (GS, n.22). Isso faz com que o homem se torne, segundo Gesché (2003, pág.31), um sacramento de Deus, pois é através dele que todo discurso sobre Deus se desenvolve. Portanto, segundo Flick e Alszeghy (n.3) a teologia: “[...] também fala sobre o homem [...] e não pode falar do homem sem referir-se a Deus, sem o considerar como um sujeito destinado a participar da vida divina.”

A dimensão da *imago Dei* também aparece no caráter de pessoalidade que foi conferido ao homem. Isto porque, a pessoa não só carrega um mistério em si, mas ela é portadora de inteligência e sempre está num movimento de comunicação para fora de si, sendo capaz de conhecer-se e criar um mundo novo. Não obstante, a pessoa traz em si a capacidade de amar-se assim como de amar o outro que se apresenta em seu horizonte, em suma, sente a necessidade de unir-se com o amado. Quando o homem encontra ao longo de sua vida, um igual para viver

essa relação, seja por meio da amizade ou matrimônio, onde um pode doar-se e entregar-se inteiramente ao outro, ele se assemelha ainda mais ao Deus Trino (Boff, 2011, pág.67-68).

Diante disso, um outro aspecto crucial para a compreensão do homem enquanto *imago Dei*, é a relação de complementariedade entre o homem e mulher (Gn 1, 27), que expressam a unidade na diferença, ao passo que refletem a comunhão de amor da Santíssima Trindade (Francisco, 2024). Esta união expressa tanto a comunhão quanto a fecundidade divina, onde dois se unem para formar uma só carne (Mc 10,6-9), doando-se reciprocidade e dedicando-se na educação dos filhos. Esta visão antropológica, radicada na revelação, contrapõe-se a ideologias que buscam apagar a diferença sexual constitutiva do ser humano (Bento XVI, 2012), visto que trata-se de uma união onde não há exclusão da pessoalidade de cada um.

Sendo imagem de um Deus Trino, o homem é chamado a viver em comunhão de amor com os irmãos. Aqui vale pontuar que o homem não é um ser acabado, mas em construção, o que leva Boff (2011, pág. 23, 42 e 67) a afirmar que o Filho e o Espírito – são as mãos do Pai que – continuam a moldar o homem ao longo da história. Tanto que, ao comunicar-se, Deus imprime no homem a sua marca de eternidade, convertendo-o numa eterna e histórica imagem de seu amor (Forte, 1988, pág.176). Em suma, criado pela e para a comunhão, quanto mais vivê-la, mais semelhante será, e quanto mais se abrir ao amor, de modo a transbordá-lo, como Deus, será capaz de gerar vida.

Portanto, a realidade da *imago Dei* revela a dignidade e vocação do ser humano. Criado por amor e para o amor, o homem reflete Deus em sua inteligência, vontade, liberdade, capacidade criadora e, sobretudo, em sua vocação à comunhão. Embora obscurecida pelo pecado, esta imagem é restaurada e elevada à sua plenitude em Jesus Cristo, que é o protótipo de homem perfeito e a imagem visível do Deus invisível (Cl 1,15). A vida cristã consiste, pois, em configurar-se constante e progressivamente a Cristo, pois quanto mais humano ele for, mas divino ele será. Em suma, trata-se de ser um reflexo do amor do Pai inserido no coração do mundo (GS, n. 22 e 41).

### **3. Um ser de relação.**

Diante do que até aqui foi exposto, vale então ressaltar que, para uma compreensão mais completa da complexidade que o homem é, faz-se necessário considerá-lo como um ser de relação. Isso não significa, contudo, que, o homem seja: “[...] uma soma de diferentes capacidades, como um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador [...]” (DN, n. 3). O fato de estudá-lo em partes se dá não só por metodologia pedagógica, mas porque sua própria

complexidade o exige. A própria história humana se compreende a partir da relação de amor que Deus estabelece com o homem para comunicar sua graça (Lã Peña, 1998, pág.7-8).

Não obstante, é preciso ter em mente que a necessidade de considerar esta dimensão relacional como fator essencial para a compreensão do homem, se dá justamente pelo fato de que ele não é, segundo Guardini (1964, pág.111) uma mônada isolada e fechada em si mesma, mas um ser aberto para uma relação. Essa abertura, no entanto, não é um aspecto contingente, mas parte intrínseca de sua natureza e vocação, ela encontra-se radicada no próprio coração que é o centro da pessoa humana, lugar onde residem os desejos e se dão as decisões, como recorda o Papa Francisco (DN, n.2-6). Portanto, é preciso considerá-lo também a partir de um outro para uma compreensão mais integral.

O homem é um ser social por natureza, chamado a construir a comunidade humana e a participar ativamente na vida da sociedade. Por mais que ele queira viver isolado, hora ou outra, ele necessariamente irá estabelecer uma relação. Existem laços que são necessários e indispensáveis para a sobrevivência e o primeiro deles é o da família. Hoje, mais do que antes, diante do fenômeno das redes, observa-se relações de interdependência. O problema é que por vezes, tais relações já não buscam mais o bem comum, antes fecham-se em seus interesses egoístas. Diante disso, vale recordar que as instituições devem garantir a promoção da dignidade humana e que o homem esteja no princípio, meio e fim dos objetivos (GS, n.25-26).

A própria ideia de *imago Dei* supõe a existência de uma relação recíproca entre Deus e homem, onde Deus revela-se como o tu do homem e o homem o tu de Deus, por isso ao olhá-lo, Deus não vê uma dentre tantas criaturas, mas um tu, ao qual Ele chama, dá um nome, dá a primazia dentre elas e a responsabilidade de as guardar (Lã Peña, 1998, pág.46). Esta relação desvela que há no homem, segundo Rahner (1989, pág.31-32) uma estrutura *a priori* que não só o permite conhecer a Deus, mas também a abrir-se a ele, trata-se, pois, de uma estrutura que o constitui como um existencial sobrenatural. Ou seja, o homem possui uma capacidade inata de relacionar-se com o divino, ele nasceu para isso.

Kasper (2013, pág.26-38), ao trabalhar a ideia da *imago Dei* a partir da teologia trinitária argumenta que, o homem tem sua existência fundamentada na relação com o outro, devendo, pois, ser compreendido como um ser relacional e dialógico. Daí que, a abertura do homem ao transcendente e ao outro não é mera característica sociológica, mas reflexo da sua capacidade fundamental de diálogo com Deus (*capax Dei*), uma capacidade que encontra sua realização plena na autocomunicação de Deus em Jesus. De modo que, ao afirmar que Deus é amor, afirma-se que tanto Deus como homem, sua imagem, são compreendidos a partir de uma ontologia relacional e pessoal.

Boff (2011, pág.13-14) por sua vez, diz que o fato de ser criado à imagem e semelhança de um Deus que é relação e comunhão de amor, já aponta para essa condição natural do homem. Não obstante, a própria sabedoria divina expressa tal realidade como uma necessidade do ser humano: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2, 18). Aquele que se isola e fecha-se em si, torna-se conseqüentemente insensível as fragilidades e necessidades do outro. Por isso, o homem só se compreenderá a partir dos relacionamentos que estabelece, coisa que leva Pascal (1999, pág. 59) a falar que, o homem sente necessidade de ser quisto e para sê-lo e ser aceito, ele facilmente finge ser o que não é.

O Concílio Vaticano II, afirma que o homem Deus inscreveu uma lei na consciência humana que o leva a fazer o bem e a fugir do mal, por isso ela é o lugar de encontro com Deus, daí que, sendo fiel a ela, o homem não só caminha em liberdade como também se encontra no dom sincero de si (GS, n.16-24). E, ao adentrar em si, o homem sente-se, pois, necessitado de viver uma relação, e percebe que toda vez que se abre a ela e doa-se, tal como Deus, sente-se realizado. Daí que, Adão-Eva surgem como paradigma de relação enquanto reconhecimento do outro como um tu essencial para a constituição do eu, visto que a existência se constrói a partir da interação com os outros e com o mundo (Guardini, 1964, pág.113-121).

O que leva Ladaria (1993, pág.09-16) a afirmar que a existência humana é intrinsecamente dialógica, marcada pela necessidade de reconhecimento e pela dinâmica do encontro. O homem sente a necessidade de, ao olhar no horizonte, ver-se refletido, de encontrar algo que lhe corresponda (Gn 2, 23). A abertura ao outro e o estabelecimento de relações autênticas são fundamentais para que o ser humano se compreenda e se realize em sua vocação. Contudo, essa abertura não se limita ao plano horizontal das relações humanas, mas aponta para a relação vertical com o Transcendente. A própria vulnerabilidade humana revela-se como condição de possibilidade para o encontro e a compaixão.

A experiência humana prova isso, pois desde o nascimento até o findar da vida, o homem depende do outro para sobreviver e desenvolver-se integralmente, aprendendo a amar a partir de um amor que o amou por primeiro (DN, n.170). Tanto que, um simples gesto de comprar pão denota a relação, ainda que de dependência, para com alguém, já que é preciso que alguém faça o pão. Vale ressaltar que a própria ideia de criação conduz a ideia de relação: “[...] relação de dependência absoluta da criatura em relação ao criador; a realidade surgida do puro e gratuito amor divino não tem em si a razão de sua existência, não existe por ou para si mesma, mas por e para esse amor que lhe deu graciosamente o ser.” (La Peña, 1998, pág.10).

Diante disso vale recordar que: “[...] o amor é comunicação de ambas as partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama. Por sua vez, quem é amado dá e

comunica ao que ama.” (EE, n.231). Ou seja, o maior dos mandamentos constitui-se como uma comunicação. Contudo, há que ressaltar que não se trata de qualquer amor e aqui vale resgatar a contribuição do Papa Bento XVI (DCE, n.1-6 e 28) onde ele faz uma distinção entre a caridade (ágape), como dom gratuito de si, inspirado no amor divino, que por sua vez purifica e eleva o amor humano (eros), direcionando-o para a comunhão plena. Essa dinâmica amorosa – eros e ágape – é fundamental para a constituição da pessoa e encontram-se intrinsecamente ligadas.

Segundo La Peña (1998, pág.46) o homem é compreendido no Novo Testamento não a partir de um *quid* abstrato, mas de um Outro, logo, a partir de uma relação que estabelece. Isto se dá pelo fato Deus ter-lhe dado uma alma, isto é, uma capacidade de estabelecer um diálogo. É por isso que ele não pode ser entendido como um objeto, mas sim como uma pessoa, um ser que é capaz de dispor de si. Ele é portador de uma identidade e dignidade intransferíveis, pois foi dada a ele pelo próprio Criador. Disso resulta o valor inviolável da vida e da liberdade humana e o fato de não poder equiparar ou substituir o homem por alguma outra criatura ou máquina (LS, n.90).

Se hoje há problemas de crise de identidade, estes desdobram-se de outras crises como as político-sociais e ecológicas que desembocam na indiferença para com o outro que se apresenta, levando a perda da consciência de que, junto com as demais criaturas, forma-se uma família universal e que tudo está interligado (LS, n.61 e 89-92). Há, portanto, uma crise na dimensão relacional, coisa que leva Francisco (MEO, 2020) em sua homilia durante a benção extraordinária em ocasião da Pandemia da Covid-19 a dizer que todos, não só estão no mesmo barco, mas são necessários, por isso é preciso remar juntos e entender que não é possível viver saudável em um mundo doente.

Por isso, Francisco convida a superação tanto do individualismo como da cultura do descarte visto que tais realidades ferem essa vocação primordial do homem se comunicar (LS, n.6-8). E isto só se torna possível por meio da construção de uma cultura do encontro, que tenha como paradigma ético a figura do Bom Samaritano (FT, n.66-76) que se aproxima, curva e auxilia o outro em suas necessidades, comunicando o amor (LS, n.66-75 e 26-221). Visto que: “Nosso Deus entra na individualidade de cada um de nós e nos obriga a assumir a sua presença como alguém que nos questiona e nos chama a agir.” (Sciadini, 2007, pág.10). Em suma, trata-se de pôr-se a serviço do outro por amor e relacionar-se com ele a partir dessa dimensão.

#### 4. Um ser de transcendência.

O ser humano traz em si, uma abertura constitutiva para o transcendente, que é o que possibilita uma experiência de existência significativa. Trata-se de uma capacidade inata de ir além de si mesmo. Essa capacidade de transcendência não é apenas um conceito ou característica filosófica, mas uma marca indelével daquele que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Trata-se de um chamado intrínseco à comunhão com o Infinito. Por isso o homem pode ser descrito como um ser que, em sua finitude, experimenta uma constante e irrefreável orientação para o mistério absoluto, um aonde ilimitado que se revela na própria estrutura do conhecimento e da liberdade humana (Rahner, 1989, pág. 32 e 45-50).

Por isso, segundo Rahner (1989, pág.45-50), torna-se possível afirmar o homem como um mistério para si e para o outro, visto estar num constante processo de crescimento e amadurecimento, em transcendência. Ou seja, sempre há algo para conhecer sobre ele. Não obstante, há o fato de que ele se encontra vinculado há um mistério ainda maior, que é Deus. Tal realidade leva Guardini (1964, pág.122-124) a afirmar que, justamente por isso o homem não pode ser compreendido a partir de si mesmo, mas somente a partir de Deus. Ele seria na verdade, um ser que se encontra na fronteira, situado entre o mundo e Deus, entre o finito e o infinito, entre o tempo e a eternidade. Em suma, em transcendência.

Essa maturidade quanto a dimensão constitutiva do ser humano, permitiu ao Concílio Vaticano II, por meio da (GS, n.3 e 10) afirmar que o homem traz em si um germe divino. Tal germe não só o explica a vocação inata a comunhão com o divino, como também permite apreender a sua dignidade de *imago Dei*. Por isso ele constitui-se como um ser misterioso, inquieto, sempre em busca do sentido da vida. Essa realidade é expressa de forma clara e dinâmica na célebre frase de Santo Agostinho (1984, Pág.16) ao comentar sobre o coração humano: “Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.

Tal concepção permite, segundo Gesché (2003, pág.5 e 6), compreender o que Pascal (1999, pág.145) quis dizer com o fato de que, apesar de constituir-se como um ser limitado, é capaz de superar-se a si e ao outro infinitamente. É por isso que as tentativas de compreensão do ser humano que ignorem o transcendente são vãs e inúteis, pois configuram-se como pura tautologia e solipsismo. Visto que, sendo imagem do Transcendente, naturalmente ele se constituirá como um ser de transcendência. O que mais uma vez prova a dificuldade de conhecê-lo por completo, pois sempre haverá algo novo a considerar, já que ele sempre se encontra chamado a ir além.

Pondé (2004, pág.13-15), ao comentar a antropologia de Blaise Pascal (1999)<sup>5</sup> afirma que ela coloca na raiz de tudo a questão do pecado e do distanciamento com Deus. Por isso, para compreender o homem é preciso avançar a reflexão para o campo do sobrenatural, pois é lá que se encontram suas raízes. Nesse sentido, o homem seria um ser sobrenatural, mas insuficiente, portador de uma natureza cheia de mistérios e segredos. Conforme De Lubac (1991, pág.12-84) Deus imprimiu na criatura humana um movimento de eternidade de modo que o homem sente um natural desejo de ver a Deus, de entrar em uma comunhão de liberdade e gratuidade amorosa, donde experimenta sua realização. Em suma, tende para Ele.

A possibilidade de ultrapassar seus próprios limites, através de seu esforço, possibilita o desenvolvimento de suas habilidades, o modo como interpreta as coisas e se relaciona com elas. Disso resulta o fato de que, para ultrapassar os limites, é preciso que haja por primeiro o reconhecimento deles e este exercício de reconhecimento de si denota que o homem é um ser que se encontra num patamar mais elevado, de transcendência. Trata-se de uma capacidade que é constitutiva do seu ser, pois permite que ele integre em si realidades exteriores, de modo que não se detém ante dificuldades, mas lança-se diante das oportunidades, transformando aquilo que é barreira em trampolim para um novo salto (Martini, 2001, pág.32-34).

A capacidade de transcendência manifesta-se de múltiplas formas na experiência humana. Uma delas é a dimensão da consciência moral, que impulsiona o homem a buscar o bem e a evitar o mal, como um sinal da lei interior inscrita por Deus no coração humano (GS, n.16), que o chama a superar o egoísmo e a orientar a liberdade para valores que transcendem o interesse imediato. Outra dimensão segundo Ladaria (1993, pág.105-126), é a da liberdade pela graça, pois livre do domínio do pecado, da determinação dos instintos e condicionamentos externos, o homem torna-se capaz de realizar uma opção fundamental de escolher o bem e de orientar sua vida para além daquilo que é imediato (Libânio, 1975, pág.100-113).

Contudo, essa liberdade é ambígua e frágil, visto ser marcada pela possibilidade de pecado, que caracteriza o fechamento em si, a rejeição ao chamado de Deus e a impossibilidade de transcendência (Ladaria, 1993, pág. 105-126). Logo, a experiência permanente de frustração e insatisfação. Dentro da perspectiva moderna onde o ser foi substituído pelo ter, que também invadiu a dimensão religiosa, o poder de compra transformou-se num ato religioso, onde ao realizá-lo, exorciza-se os próprios demônios, as frustrações e misérias, o problema é que, a todo momento é preciso comprar e exorcizar-se diante de uma constante insatisfação humana a fim de entorpecer os sentidos e transcender-se momentaneamente (Bauman, 2011, pág. 94-96).

---

<sup>5</sup> Referência para este tema no Brasil.

Em contraponto a esse materialismo exacerbado, observa-se um espiritualismo desencarnado, que se configura mais como fuga que transcendência, o que leva Francisco (GE, n.36-62) a alertar sobre o perigo de gnosticismo e pelagianismo contemporâneo. Visto que tais realidades são traços de fé fechada no subjetivismo e numa confiança desmedida no esforço humano, que não só reduzem a fé a uma experiência intelectualizada ou espiritualista, como mascaram a verdade com opções sedutoras (Frezzato, 2018, pág.44-51). Negando a necessidade da abertura a graça, que leva a um autêntico movimento de transcendência, possibilitando viver o ordinário de forma extraordinária.

Outra dimensão humana que expressa essa capacidade de transcendência é a da estética. A experiência que o homem vive por meio da arte ao contemplar uma pintura, escutar uma música, ler um poema, podem não só elevar-lhe a mente e o espírito, como também o permitem questionar a si e ao mundo e assim, chegar à consciência de uma realidade maior, que transcende o tempo e o espaço (PLE, n. 2-8). Tanto que, pode-se muito facilmente observar nas grande basílicas e catedrais, pinturas, esculturas e afrescos cobrindo as paredes, expressando os mistérios da fé a fim de auxiliar na elevação do espírito do homem durante a celebração e assim, proporcionar o encontro e a comunhão com o divino.

Nesta capacidade criativa do ser humano, desvela-se um duplo movimento que é de ocultamento e desvelamento pois, quanto mais o homem desenvolve técnicas que o permitam traduzir o que se passa em seu interior, numa obra de arte, por exemplo, ele sempre acabará detendo-se num novo mistério de si, o que exigirá novas decifrações, um novo superar-se. Em suma, a transcendência configura-se como a capacidade de crescimento contínuo, como dinamicidade da vida que o une a sociedade e os integra, possibilitando que ambos possam construir-se ao longo da história. Logo, ela impede uma existência fechada em si e justamente por isso, o individualismo torna-se uma tragédia para o homem (Martini, 2001, pág.34-35).

A transcendência manifesta-se ainda no matrimônio, onde o amor do homem e da mulher espelham a fecundidade divina, sendo também capazes de gerar vida (AL, n.11-13). Nessa relação de comunhão de amor, observa-se também a união do humano com o divino (AL, n.315-316). Essa dinâmica faz com que o homem se sinta chamado a realizar constantemente um ato de entrega oblativa de si em prol do amado, de ir além e transcender. Posteriormente, observa-se a entrega dos esposos, em atos de cuidado e acompanhamento em prol do filho, tal como Deus ao estabelecer aliança com Israel. E aqui, mais uma vez observa-se a capacidade de transcender-se à medida que se faz renúncias em prol daquele que é fruto desse amor.

Por fim, a virtude da esperança é sustento para a transcendentalidade humana, pois nascida da morte e ressurreição de Cristo, concede as forças necessárias para superar as

dificuldades e por isso, ela não decepciona (SNC, n.3). Conforme Moltmann (1971, pág.5-10) ela já é felicidade no presente por permitir vislumbrar aquilo pelo que se sofre, a realização da promessa, visto reconhecer em Cristo o futuro da humanidade. Daí que ela não é fuga, mas impulso de graça que leva a aderir os desígnios divinos. Por isso que não se trata de qualquer esperança, mas de uma esperança que transforma a vida presente e faz o Reino acontecer no já da existência humana (SS, n.2).

## **Conclusão**

Em suma, a dificuldade de responder à pergunta quem ou o que é o homem se dá justamente por ele revelar-se ser um ser misterioso. Esse dado explica-se pelo fato dele ser imagem e semelhança de um Deus que é inefável, cheio de mistérios. Tal como Deus, ele revela-se ser inesgotável, visto que sempre há algo de novo a ser investigado. Contudo, é justamente esses impasses ou indefinições que o colocam em movimento e o permitem buscar e aprofundar sempre mais. Fazendo com que ele supere seus próprios limites, aperfeiçoe suas habilidades. Coisa que permite afirmar que ele não é um ser acabado, mas em contínuo crescimento e aprendizado.

Não obstante, por ser essa imagem de Deus ele apresenta-se como sendo um ser em constante relação, realidade esta que não só o auxilia no conhecimento de si por meio da confrontação, como também o complementa, pois como visto, não foi criado para viver de modo solitário, mas em relação. Tudo isso só o leva a colocar-se em movimento – de – transcendência, e é por isso é difícil defini-lo numa resposta fechada. O que se pode afirmar é que ele é um sacramento de Deus, visto ser um lugar da revelação do divino, sobretudo, a partir da realidade da encarnação de Cristo. E isso prova que, é possível encontrar o divino a partir da realidade humana, sobretudo, pela via do autoconhecimento (Botura e Mariani, 2025, pág.328-329).

### **3. DA FRAGMENTAÇÃO À REDESCOBERTA DE SI E DE DEUS: UMA RELEITURA DAS MÚSICAS *POP* DE TIAGO IORC À LUZ DA TEOLOGIA.**

#### **Introdução**

Este capítulo propõe uma releitura das músicas *Pop* a partir das músicas Tiago Iorc sob a ótica da fé cristã, buscando desvelar elementos teológicos intrínsecos a essas expressões artísticas seculares. Para tal, leva-se em consideração que a teomusicologia, conforme Mendonça (2010, pág.590-592), não se restringe à análise da música sacra, mas estende-se para a música secular, pois reconhece a presença de temas religiosos em composições que não possuem vinculação denominacional explícita. Visto oferecem uma visão particular de Deus, da vida e da espiritualidade. Daí que, seja sacra ou secular, a música é portadora de significados que ultrapassam o plano estético e adentram o território do sentido e da transcendência.

O percurso de desenvolvido se dará em quatro pontos. Primeiro, será abordada a crise de identidade do homem contemporâneo e sua consequente fragmentação, presente nas letras das músicas de Iorc e sua relação com o vazio e a sede de algo maior que ele experimenta. Em seguida, será proposto uma reflexão sobre o amor como resposta unificadora e manifestação do sagrado na intimidade. No terceiro momento, o silêncio será pontuado como caminho para a essa experiência de interioridade e presença de Deus. Por fim, fé e esperança serão apresentadas como formas de resistência diante da dor e do sofrimento. Portanto, este capítulo pretende mostrar como a música *Pop*, tornar-se espaço de anúncio, encontro e ressignificação.

#### **1. A identidade fragmentada do homem na era digital.**

Conforme Dumer (2020, pág.153) refletir sobre a identidade é importante por levantar não só a questão da autocompreensão humana, mas de seu lugar e papel no mundo, por isso também é um dever da teologia. Esta reflexão também aparece nas músicas de Tiago Iorc como “Desconstrução” (2019)<sup>6</sup> onde ele afirma: “Quando se viu pela primeira vez, na tela escura de seu celular, saiu de cena pra poder entrar, e aliviar a sua timidez, vestiu um ego que não satisfaz, dramatizou o view da rotina, como fosse dádiva divina, queria só um pouco de atenção, mas

---

<sup>6</sup> O presente texto utilizado em citação, constitui parte da letra da música, assim como as demais citações referentes a Iorc. Ressalta-se também que, majoritariamente, as músicas utilizadas são de sua autoria. Nos casos que houver coautoria ou participação ou ainda autoria de terceiros, será destacado tal fato em nota de rodapé.

encontrou a própria solidão”. Logo, por meio de sua música, Iorc também oferece uma análise da crise identitária atual, que leva a buscar refúgio nas redes sociais.

Essa crise identitária, é o resultado do que Maritain (1966, pág.30-32) denomina de tragédia do humanismo, pois ao centrar-se exclusivamente no homem e excluir Deus, tornou-se um inumano. Ou seja, a tentativa de criar uma imagem da personalidade humana que fosse esplêndida, autônoma e boa por essência, acabou por levá-la à sua própria dissolução. Ao negar qualquer intervenção externa, seja da graça divina ou da sabedoria humana, o homem moderno viu sua personalidade desfazer-se rapidamente. O que se vê hoje na tela do celular, seria o ápice dessa tragédia, diante da incapacidade de se encontrar, o homem busca refúgio no coletivo das redes sociais, abdicando de si em favor de uma imagem virtual.

Para Barbosa dos Santos (et al, 2019, pág.1-10) o *eu* se constrói a partir da relação com o outro, ele precisa da validação externa – dos likes – o que gera um excesso de exposição e consequentemente a anulação de si, coisa que é exemplificada no final do videoclipe, onde a atriz dá lugar a um manequim<sup>7</sup>, o real cede ante o virtual. Bauman (2005, pág. 28-36) explica que as redes mudaram o modo de construção da identidade humana, tornando-a mais fluída e fragmentada. Contudo, a busca pelas redes continua porque elas possibilitam uma fuga ao fantasiar uma heterotopia onde os problemas são silenciados (Moura e Silva, 2020, pág.12), gerando ansiedade, baixo-autoestima, depressão, insegurança.

Para Francisco (DN, n.2-8) a superficialidade das relações fragmentou as experiências e deu espaço para as mentiras, pois passou a se criar um *eu* que seja socialmente aceito. Para Pascal (1999, pág.59) isso se dá pelo desejo de estima e admiração, o problema é que isso gera uma sociedade de aparências pautadas por pactos de engano mútuo, onde finge-se crer no que o outro apresenta como verdade de si (Pondé, 2001, pág.200-236). Assim, as pessoas entram na lógica do sistema, alimentando-o com nudes de modo que até a relação sexual torna-se virtual, cria-se e vive fantasias, que só fazem estilhaçar a singularidade, tornando a pessoa mais uma – igual – dentre outras (Iorc, 2019).

Logo, há um descentramento de si, daí a necessidade de falar do coração e realizar um movimento de retorno a ele, que é o lugar da unidade e da síntese que o homem faz de si (DN, n.2-15), ainda que a lógica do consumo e do utilitarismo que liquidifica valores e a própria identidade humana, torne isso dificultoso. Caso contrário, o Burnout ou em casos mais graves o suicídio, serão cada vez mais comuns (Moura e Silva, 2020, pág.12) e continuaram a ser ignorados, incluso os sinais visíveis de depressão que levam a pessoa a seguir passando o dedo

---

<sup>7</sup> Videoclipe com a modelo Michele Alvez, 2019.

nas telas e a fazer de tudo para conseguir uma curtida, gerando o vício e a dependência da validação externa (Iorc, 2019).

A música faz parte do álbum *Reconstrução* (2019), período em que o cantor se afastou das redes e holofotes, devido uma depressão. Composto por treze músicas, narra de modo audiovisual, a (des)construção do *eu* humano. E ainda que Iorc esteja a narrar a história, é possível observar traços daquilo que ele mesmo sofria: desgaste psicológico, angústia e a melancolia por tentar enquadrar-se a padrões ditados pelas redes (Moura e Silva, 2020, pág.7-13). Este álbum liga-se ao álbum audiovisual *Troco Likes* (2016), onde afirma que o like não só é a validação, mas expressão do desejo de pertencer, ser quisto, visto, de significar para o outro e que a carência de si, conduz a insaciável necessidade de completar-se fora.

Coisa que o leva a usar excessivamente o pronome “ti” na música *Cataflor* (2016), para destacar que o *eu* está centrado no outro (Souza Azevedo, et al, 2015, pág.10). Para Moura e Silva (2020, pág.5-7) a crise identitária faz parte dos comandos sociais que regulamentam o controle dos sujeitos e de seus corpos, validando-os a partir de parâmetros midiáticos. Contudo, o corpo não é isento de significação, ele comporta subjetividade. Ele é o objeto pelo qual se tem o privilégio ou a condenação de viver (Giddens, 2002, pág.95). E Iorc também explora a crise corpórea, sobretudo, da sexualidade, com a música *Masculinidade* (2021)<sup>8</sup>, mostrando a masculinidade frágil e tóxica que nega sentimentos e fragilidades.

*Masculinidade* (2021), é o retorno do período sabático e o aprofundamento de suas reflexões: “Eu tava numa de ficar sumido/Dinheiro, fama, tudo resolvido/Fingi que não, mas, na verdade, eu ligo/Eu me achava mó legal/Queria ser uma unanimidade/Eu quis provar minha virilidade/Eu duvidei da minha validade/Na insanidade virtual.”. Vale ressaltar que a sexualidade não se reduz a genitália, isso é uma deturpação ocasionada pelo pecado, que transforma a expressão de amor, união e geração de vida em busca de prazer, domínio e opressão. Isso é visível na música sertaneja, que a cantava sobre a vida e a simplicidade do homem no campo e agora predomina a traição, o sexo e a violência (Santos, 2022, pág.65-72).

E aqui vale ressaltar que no início da música Iorc (2021), canta algumas vezes a palavra *anima* e aos poucos performa uma dança demonstrando uma luta interior, expressando algo que quer revelar-se. Conforme Rubio (1989, pág.258) alma e corpo não são partes separadas, mas diferentes aspectos de uma única realidade que compõe o ser humano. Nesse sentido, a sexualidade deve ser compreendida não somente em seu aspecto biológico, mas relacional, pois evoca um movimento de saída para um encontro – relação – com o outro, numa dinâmica de

---

<sup>8</sup> Em parceria com Lux Ferreira, Mateus Asato, Tomás Tróia.

amor e doação mútua, que leva a formação de um “nós”, superando a distorção feita pelo pecado que a coloca como um meio de satisfação egoísta de prazer (Rubio, 1989, pág.381-393).

A crise identitária intensifica-se e fragmenta o ser do homem devido a repressões que ele sofre: “Eu cuido pra não ser muito sensível, homem não chora, homem não isso e aquilo, aprendi a ser indestrutível, eu não sou real. Conversando com os meus amigos, eu entendi que não é só comigo [...]” (Iorc, 2021). A Igreja rejeita visões reducionistas, por isso Paulo VI escreve *Encíclica Humanae Vitae* convidando a olhar a integralidade humana e Francisco (AL, n.286), afirma que o masculino não se resume ao biológico ou genético, pois é o resultado de uma multiplicidade de elementos como história, cultura e família.

Iorc (2021) canta: “Masculinidade frágil, coisa de menino. Eu fui profano e sexo é divino. Da minha intimidade, fui um assassino. Que merda! Quando criança, era chamado de bicha, como se fosse um xingamento, que mais coisa esquisita, aprendi que era errado ser sensível, quanta inocência.”. Aqui, vale recordar que o sexo para João Paulo II (2021<sup>9</sup>, pág.64-66), expressa a fecundidade, o amor que se dá como dom e o que significa ser *imago Dei*. Isso permite superar o medo de se viver, a evitar atitudes de anestesiamiento de si e autodestruição. Em suma, Iorc mostra que ainda há um forte preconceito com a dimensão feminina, de modo que ainda se legitima formas de repressão e negação que conduzem a autodestruição e abusos.

O feminino é intrínseco ao masculino, complementa-o, por isso deve-se buscar uma educação que faça o equilíbrio dessas dimensões (HM, n.35-47). Por isso Iorc (2021) argumenta contra a objetificação do corpo e do outro como meio para alcançar um alívio, levando ao vício da pornografia e a ver defeitos no próprio corpo, aumentando a ansiedade. Esse é o resultado do homem abandonado a si, sem Deus (Pascal, 1999, pág.41-77), paralisado em seus medos e falsas seguranças (GE, n.134). A rigidez é exagero, não educa e impede um desenvolvimento humano integral, pois considera coisas como a arte contrárias ao masculino (AL, n.286). Logo, não se vive uma masculinidade integral, mas retalhos dela, conforme padrões sociais impostos.

Por ser *imago Dei*, o ser humano traz em si uma estrutura relacional – a sexualidade – que o permite abrir-se unir-se ao outro, gerando vida, por isso ela não se compreende no isolamento ou negação, mas num diálogo recíproco e em harmonia com a feminilidade. (Rubio, 1989, pág.365-372). O que leva Iorc (2021) a afirmar que é preciso chorar e perdoar esses homens, pois sofrem pensando no que os outros vão pensar deles, ao referir-se aos pais como

---

<sup>9</sup> Embora esta citação seja parte de uma das reflexões que compõem a “Teologia do corpo” de João Paulo II e date originalmente o ano de 1980, o texto ao qual se teve acesso encontra-se em um compêndio que reúne todas as reflexões desta denominada “Teologia do Corpo” de uma edição publicada recentemente, que no caso, data o ano de 2021.

vítimas de um sistema patriarcal que condicionou suas vidas, impondo-lhes padrões rígidos que dificultam uma masculinidade integral (Perroni 2025). Por isso os atuais modelos de masculinidade são tóxicos, não se importando com sentimentos ou altruísmo (Haddad, 2025).

Não obstante, conforme Rubio (1989, pág.380-393) a masculinidade e a feminilidade são dimensões que constituem a unidade da pessoa humana, não há sobreposição nem superioridade, mas unidade e reciprocidade conforme presente em Gn 2. Agir contrário a isso, só fará aumentar as feridas e os traumas que surgiram ao longo da história. Por isso Iorc (2021) afirma: “Minha alma é profunda e se afoga no raso.” porque o homem tem sede de algo além daquilo que um mundo doente pode oferecer (MEO, 2020), e essa ânsia e vazio que sente, é no fundo, sede de algo verdadeiro, sede de Deus, pois só n’Ele encontra completude (Agostinho, 1984, pág.16).

Para Rubio (1989, pág.559) o pecado levou a um fechamento egoísta e a incapacidade de se relacionar com os outros e com Deus, dando margem para o surgimento da rigidez e da incapacidade de amar, o que o desfigura como *imago Dei*. E com os sentidos entorpecidos pelos mecanismos da sociedade o homem moderno fica, conforme Iorc (2021): “[...] zozzo, fico triste, fico pouco, fico escroto, eu sigo à risca, o que é ser homem. Isso não existe, a vida insiste, o tempo todo, que eu repense. O que é ser homem? [...] Há tantos e tantos [...] Possíveis homens. Homem real e não ideal.”. Daí a importância de se configurar a Cristo, homem novo, que restaura as relações humanas, superando modelos opressivos (Rubio, 1989, pág.165).

Essa busca por um homem real encontra respaldo na proposta de Maritain (1966, pág.67-78), de um humanismo integral, teocêntrico e de Encarnação, isto é, que leve em conta suas origens, visto que tudo que tem e é, recebe de Deus. Logo, não se trata de um aniquilamento de si em prol da afirmação do divino, mas de retornar aquilo que se é verdadeiramente *imago Dei*, doutro modo não há possibilidade para que o homem retorne à integralidade de si, mas a algumas partes de si. Logo, a configuração a Cristo, não nega a humanidade, mas a leva a sua plena realização, à medida que restaura todas as relações que foram rompidas e desordenadas pela realidade do pecado.

Por fim, Iorc (2021) afirma que ser homem é uma escolha de conhecer-se, dominar-se e viver enfrentando repressões, é não ficar na passividade esperando salvação, mas ter coragem de amar e estabelecer conexões, para poder deitar a noite com a certeza de ter vivido com autenticidade. Trata-se de transcender estereótipos, pois: “[...] o homem torna-se realmente ele mesmo quando corpo e alma se encontram em íntima unidade.” (DCE, n.5). Daí que, é preciso respeitar e promover: “[...] a pessoa humana em todas as suas dimensões.” (SRS, n.1). Visto

que, a masculinidade não se resume a força física, ela se manifesta na harmonia de todas as dimensões humanas que possibilita a paz interior (AL, n.37).

## **2. O amor como resposta à fragmentação e a experiência do sagrado na intimidade**

Se a fragmentação da identidade leva à solidão, revelando a sede de algo maior, a experiência de viver o amor surge como resposta de superação da solidão e retorno a unidade de si, pois faz retornar ao coração. Trata-se de fazer uma opção fundamental pelo amor de Deus. Ou seja, é mais que decisão, é encontro pessoal que transforma e plenifica a existência (Chércoles SJ, 2010, pág.37). É o dom gratuito que fundamenta a criação e toda a obra da redenção, é o que melhor expressa Deus e o homem enquanto sua imagem (DCE, n.1). Assim, supera-se o pecado que não se constitui como opção fundamental, pois não fundamenta nada, apenas gera morte – fratricídio – desde as origens Gn 4, 1-16 (Libânio, 1975, pág.100-113).

Conforme João Paulo II (2021, pág.65-85) a redescoberta do corpo a partir do seu significado esponsal possibilita compreender o amor em sua verdade mais profunda, superando a redução da sexualidade à mera genitalidade que objetifica o corpo. O corpo, em sua masculinidade e feminilidade, manifesta a capacidade de comunhão – pois uma dimensão está voltada para a outra – assim como é sinal sacramental do amor divino, devido a sua capacidade de dar-se, tornando-se um dom para o outro. Logo, o amor expressa a manifestação do sagrado na vida humana e Tiago Iorc por sua vez, não o reduz a sentimentalismo, mas o apresenta justamente como uma experiência de transcendência e por isso, de encontro com o sagrado.

A música “Amei Te Ver” (Iorc, 2015), mostra o encontro com o ser amado como uma experiência mística, que dispara o coração e transcende a realidade do tempo. Nessa experiência não há máscaras, pois há reciprocidade e a certeza de ser aceito apesar das limitações. O que permite não só ser, mas estar inteiro diante do outro e contemplá-lo e isso vai além de repetir palavras gastas e decoradas, significa encontro real com o amado (Balthasar, 2019, pág.09). Mas para esse encontro é preciso estar inteiro, daí que, cada vez mais há o desejo de viver “o” amado, isto é, o amor. E Essa é a beleza do amor, pois ele comporta não só integridade, mas traz cor – alegria – a vida, sendo o reflexo mais perfeito do Divino (ST, I, q. 39, a. 8).

Nessa perspectiva, Iorc (2015) na música “Coisa Linda”<sup>10</sup> canta: “Ah, se a beleza mora no olhar, no meu você chegou, e resolveu ficar, pra fazer teu lar [...]”. Ou seja, amar é reintegrar as partes, estar inteiro, ser quem se é e valorizar cada momento com o ser amado. Por isso,

---

<sup>10</sup> Em parceria com Leo Fressato.

Quevedo SJ (2010, pág.7-8) afirma que o amor é simples e discreto, frágil, mas não descartável e quando discernido, fiel, pois permite sentir a existência do outro. O que também leva Balthasar (2004) a afirmar logo no título de seu livro que “Só o amor é digno de fé”, pois ele torna o outro único e insubstituível, leva a gastar tempo com o amado, como o Pequeno Príncipe ao cuidar da sua rosa (Exupéry, 2017, pág.74).

A contemplação da beleza do ser amado não é meramente estética, mas reveladora de uma dimensão transcendente. Visto que, segundo Guardini (1942, pág.89-98) uma coisa é bela quando o exterior traduz a totalidade do interior, de modo que a verdade surja como a união das duas dimensões. Trata-se da necessidade de abrir-se e transbordar-se num movimento de liberdade em direção a algo, ao outro, e assim, compreende-se que: “O que a força é para a vida ativa, é a beleza para a vida contemplativa da Igreja. A Igreja não é somente uma estrutura de fins práticos, mas é também plena de sentido em si mesma, é vida que se torna arte. É o que ela manifesta quando ora na liturgia.” (Guardini, 1942, pág.90).

Na música “Laços”<sup>11</sup> Iorc (2019) canta: “Cada centímetro de chão, pedaço da imensidão, poeira interestelar. Quanta sorte, é poder chegar, nessa vida, com você.”. Seguindo os pensamentos de Quevedo SJ (2010, pág.8) significa dizer que amar não é ter o outro enquanto posse, mas ser para e com o outro. Trata-se de realizar um movimento de saída, ou ainda de rebaixamento, uma *kenosis*, tal como o Verbo divino na Encarnação. A música fala, pois, da beleza do encontro de dois amantes que, seguindo Francisco (AL, 11-13) cura a solidão, pois a união vai além da dimensão corpóreo-sexual, ela evoca encontro e doação mútua, revelando a maravilha da existência e a presença divina, no humano. Logo, o amor é transcendente.

Conforme Bento XVI (DCE, n.6-10) a transcendência do amor manifesta-se na união entre *eros* e *ágape*, onde o amor ascendente (*eros*) se purifica e se eleva ao buscar o bem do amado, tornando-se oblato (*ágape*), sem perder a dimensão de busca e desejo. Logo, a transcendência implica ir além de uma visão imanente e materialista da existência para um encontro com o outro, e em suma, como o divino que é a fonte última do amor (Mondin, 1986, pág.24). Ou seja, o amor integra as dimensões humana e divina (DCE, n.10), pois ele é simultaneamente *eros* e *ágape*, ele leva a doar-se sem busca de interesse próprio, refletindo a natureza do amor divino que é fonte e modelo para o amor humano (Moreira, 2015, pág.29-53).

Iorc (2019) segue cantando: “Todo caminho trilha um sol, dentro do olhar de cada um, se conhecer pra se gostar. Ser mais forte, por acreditar, na alegria, de viver. Cada suspiro é gratidão, de ver entrelaçar as mãos, que juntas podem muito mais. Ter um norte, pra poder

---

<sup>11</sup> Em parceria com Duca Leindecker.

sonhar.”. Tais versos encontram um paralelo na (AL, 91-134) quando o Papa Francisco aborda a questão do amadurecimento do amor conjugal que leva a aceitar o outro como ele é, pois, o que faz uma relação perdurar é a capacidade de dar-se e servir. Somente assim, alcança-se a compreensão de que o outro é um ser falho, assim como ‘eu’ e assim se supera os obstáculos, pois o amor que não cresce e frutifica, corre riscos de ver o seu fim.

Não obstante, vale ressaltar que o amor faz olhar pro horizonte e encontrar algo que corresponda, mas não se resume a isso, pois: “A experiência mostra que amar não é olhar um para o outro, mas olhar juntos na mesma direção.” (Exupery, pág.144)<sup>12</sup>. Trata-se de construir algo em união, tanto que o Papa Francisco (FT, n.7 e 242) alertou para a atual incapacidade de agir em conjunto para realizar o bem, ao passo que consegue formar-se grupos cujos interesses econômicos e políticos, levam a impor guerras, escravidão, exploração, tráfico de órgãos, etc. Contudo, como recorda Quevedo SJ (2010), aquele que vive o amor entende que é preciso fazer renúncias, caminhar juntos na simplicidade, e que o amor é criativo e libertador.

Por fim, ao final da música, Iorc (2019) canta: “Ser a brisa, vendaval pra transformar. Gota de lágrima, trovão que vem do mar, revolução, e a chance pra recomeçar. Quero a sorte, de reaprender, essa vida, ser a chuva que quer chover”. Aqui, Iorc mostra que o relacionamento também comporta crises e a capacidade de saber superá-las e recomeçar. Francisco (AL, n.232-233) afirma que isso torna-se mais fácil quando se desenvolve a capacidade de escutar o outro. Daí que a crise não é o fim, mas a possibilidade de se reinventar, de refinar e aprofundar os laços, é momento de aprendizagem, mas para tal não se pode negar os problemas, caso contrário, a relação se deteriora e o amado tornar-se um estranho.

Ou seja, o ato de amar é um exercício de transcendência, pois leva a superar a realidade tempo-espço, sobretudo, na ausência do amado. Diante desta realidade, Moltmann (2011, pág.188-194) recorda que o grito de Cristo na cruz é expressão de desespero e de vivência real do abandono do Pai, o que não significa ausência de fé. Trata-se antes, de solidarizar-se assumindo a condição ou situação de todos aquele que sofrem diante de injustiças e experimentam em suas vidas esse silêncio de Deus. Deste modo, o grito de desespero converte-se em sinal de esperança que se eterniza pela história, pois aponta para um Deus que não se cala diante da dor dos seus, mas por amor, assume toda essa realidade em si.

O amor deixa marcas, transformando a história em história de amor e salvação. Estas marcas convertem-se em sacramentos que vivificam a memória, tornando o amado presente (Boff, 1975, pág.13-19). Por isso, na música “Hoje lembrei do teu amor” Iorc (2019) canta:

---

<sup>12</sup> Versão digital. Sem datação.

“[...] hoje lembrei de coisas, que eu nunca esqueci, e como poderia, se você me marcou, pela vida inteira. Hoje lembrei do teu sabor, do gosto da tua boca, antes de dormir, tanto te conhecia, e você despertou, tudo o que eu sentia.”. Aqui, vale recordar que Cecília Meireles em seu poema *Motivo* (2000, pág.13) traz a ideia de que o amor eterniza o amado na alma, tanto que, apesar da perda ou mudança, aquilo que se viveu, o sentimento em si, permanecem de alguma forma.

Logo, o ser amado passa a fazer parte do interior daquele que ama, ali se instala e disso resulta a dificuldade de esquecer ou seguir em frente, quando em casos de separação ou morte. O que leva Iorc (2019) a cantar: “Não há, chance de apagar, deixa demorar, lembrar você é bom demais, vivemos tanta coisa. Lembra, tanto pra acertar, o tempo pra curar, a mágoa que ficou pra trás, valeu minha vida inteira.”. Trata-se de enxergar o outro como ele é – cônjuge – não como inimigo (AL, n.321) para que seja possível superar as crises e em casos de divórcio, a entender que se deve guardar os bons momentos, aprender com os erros e curar as feridas para não sangrar em novos relacionamentos ou ter receio de um novo (Bauman, 2004, pág.30-31).

Em suma, o amor eterniza o ser amado na alma e se tratando de Deus, o Apóstolo adverte que nada pode separar o homem do amor d’Ele (Rm 8,38-39). O amor faz com que os momentos mais simples se configurem como sacramento que tornam o ser amado presente: “Hoje lembrei do teu calor, do nosso banho quente, coisas que escrevi, juras e poesia, no espelho embaçado, você fervia. Na parede o suor, no teu corpo o meu, pelo chão o jantar, que a gente esqueceu, entre roupas e taças, à nossa loucura.”. Trata-se, seguindo Boff (1975, pág.09) da capacidade de enxergar no efêmero, aquilo que se eternizou na alma, de modo que, aquele sinal ou lembrança, converte-se na presença viva do ser amado na interioridade daquele que ama.

Isto porque estes sinais convertem-se em sacramentos da vida, revelando o eterno no efêmero. Isso significa que aquilo que aparentemente é supérfluo e passageiro – um perfume, uma música, um gesto ou uma palavra – ganham densidade, pois tornam o ser amado presente. Nesse sentido, cada uma dessas situações, torna-se espaço de encontro, revelação, transcendência e de uma experiência de vida plena. Logo, o sacramento não se reduz ao rito litúrgico, ele se desdobra na existência, ganhando um valor antropológico e transformando-a em um *locus theologicus*<sup>13</sup>. Assim, amar é aprender a reconhecer nos pequenos sinais a manifestação do Mistério, que permeia e envolve o amante Boff (1975, pág.15-17).

---

<sup>13</sup> Lugar teológico, isto é, onde se faz teologia.

### 3. Silêncio e interioridade: o caminho para a redescoberta de si e de Deus

Como visto até aqui, o amor restaura a unidade interior e abre à experiência com o outro, mas é preciso que haja silêncio para que ele se dê em plenitude, daí a dificuldade de vive-lo, pois hoje há um excesso de ruído oriundo da sociedade, que leva o homem a sair de si e a perder o sentido do que é essencial. Ou seja, o amor exige um movimento para dentro, um retorno ao centro do próprio ser, onde o silêncio se torna não apenas pausa, mas condição para a presença, contemplação e encontro verdadeiro com Deus e consigo. Visto que o amor não é apenas sentimento, mas ato de vontade que para amadurecer precisa ser purificado e alimentado na relação íntima com Deus (DCE, n.17)

O problema é que, para não se cair na inexistência e invisibilidade, as pessoas são forçadas a exporem sua intimidade nas redes continuamente, produzindo postagens de falsas alegrias que já não convencem, gerando uma sociedade de aparências. Com a sobreposição do virtual, tornou-se possível comprar sem a necessidade de um diálogo, assim como se estabelece uma relação que pode ser desfeita na mesma velocidade, com um click. Integra-se comunidades religiosas, gerando um conforto espiritual sem precisar comprometer-se com ela. E com a saturação de informações e estímulos que geram ruídos, cria-se uma aversão ao silêncio interior, ao autoconhecimento levando a desconexão de si (Bauman, 2004, pág.06-46 e 114).

O silêncio é o caminho para a interioridade, que possibilita ao homem encontrar-se com sua verdade mais profunda e, consequentemente, com o divino (GS, n.16). Logo, não é cair no vazio, mas abrir-se a esperança de um Deus que também sofreu ele na cruz, transformando-o num espaço dialógico, pois é no silêncio que ressoa o clamor humano e ao mesmo tempo a resposta de amor de Deus (Moltmann, 2011, pág.192-194). Na música “Liberdade ou solidão”<sup>14</sup>, Iorc (2015) reflete sobre esta temática ao desenvolver o paradoxo que surge, pois para alguns o silêncio será um movimento libertador de retorno a si, de reencontro, sobretudo, com o transcendente, mas que para a sociedade pautada pela inquietação, será solidão.

Nela Iorc (2015) canta: “Mas só o tempo, só, pra descobrir, se a liberdade é só solidão, e só o tempo, só, pra descobrir o que é ser.” e com isso aponta para o esvaziamento de sentido que a liberdade desconectada da interioridade pode gerar. Conforme Reis (2011, pág.77-78) é na pausa e na quietude, que a percepção sensível se aguça, permitindo uma escuta mais profunda de si e do mundo. Mas isso implica uma abertura do sujeito aquilo que o provoca e o chama a sentir, não a decifrar, os grandes mistérios da existência, incluso de si. Isso leva o sujeito a

---

<sup>14</sup> Autoria de Duca Leindecker.

abrir-se para aquilo que não é, e o coloca em contato com a alteridade, com o novo, e desse modo, consigo mesmo (Merleau-Ponty, 2005, p. 156).

A ausência de silêncio – sobretudo o interior – leva a perda de si, pois imerso na agitação frenética do dia a dia, não há espaço – tempo – para o autoconhecimento. Para Jung Mo Sung (2005, pág.52-54) isso se dá pelo excesso de estímulos e de consumo que geram uma cultura da distração, pautada pela lógica de consumo, que mantém as pessoas presas ao imediato, sem espaço para a escuta interior e abertura ao transcendente. Tal realidade se faz presente na música “Sei” (2019) de Tiago Iorc, onde ele canta: “Sei, eu me perdi, sinto a minha falta, me sufocar. Há, tanto porvir. Sei que isso vai, me libertar. E não leva a nada, não me leva a nada, tanto lamentar.”.

Aqui há o reconhecimento de se estar ausente de si mesmo e, nesse reconhecimento, há o início de retorno, o que recorda a proposta de Pascal (1999, pág.132). Mas para que este reconhecimento seja possível é preciso estar e fazer silêncio, logo, ele é um remédio necessário, ainda que amargo e doloroso conforme Sarah e Diat (2017, pág.76-77). Nesse sentido, o silêncio torna-se um ato de resistência e de libertação, pois ele cria um espaço de escuta interior que rompe com essa lógica alienante ao possibilitar o reencontro consigo. Logo, não é mera ausência de ruídos, mas uma prática espiritual e existencial que possibilita recuperar a liberdade interior (Sung, 2005, pág.55-57).

Nos versos seguintes Iorc (2019) canta: “Sei, eu me senti. E de nada adianta, guardar amor. Tudo o que há, é pra dividir. Tanta coisa. Sinto, e nessa paz, vi despertar. Sou o que me leva. Posso acreditar. Fui além do céu e o mar. Até achar. Meu caminho. Bem aqui. Sempre estive, na minha frente.”. Aqui verifica-se a importância do exame de consciência, pois ele leva pessoa a um despertar, a consciência de si e do caminho percorrido. Ele reordena os afetos e possibilita o retorno ao centro (EE n.20 e 43), portanto, o silêncio não é ausência de palavras, ele é um meio privilegiado para ordenar a vida, de encontrar a si mesmo e a paz que permite descobrir o essencial das coisas e por isso ele é pleno (Ratzinger, 2013, pág.172-173).

Ratzinger (2013, pág. 209-211) recorda que o silêncio – litúrgico – é mais do que uma pausa, pois ele constitui espaço de adoração, onde o coração se eleva a Deus e o mundo por um instante, cala-se diante do mistério. Está é a fecundidade do silêncio, permitir que o homem reencontre a paz interior e se abra a escuta da Palavra de modo que ela ressoe em sua vida, transformando sua existência. Por isso, a liturgia não se reduz a palavras e gestos, mas inclui momentos de silêncio pleno, nos quais o crente se deixa plasmar pela presença divina. Assim, o silêncio é caminho de purificação do olhar e de preparação para a verdadeira comunhão com Deus.

Vale ressaltar que esses versos finais da música trazem tons de esperança, pois falam do encontro do caminho para dentro de si, para paz. E este caminho pode ser encontrado por meio da música, visto que conforme Silva (2015, pág.10) ela é mais do que a arte dos sons, é a ciência da escuta interior – tanto que Iorc compõe e canta a partir do que observa de si –, ela é ciência das ressonâncias da alma, de um modo único e poético (Tomás, 2002, pág.16). Não obstante, ela possui a capacidade singular de dizer aquilo que transcende a linguagem verbal sobre o mistério do homem, assim como do cosmos e, por fim, de Deus. Em suma, ao se afastar do ruído do mundo, o homem se aproxima da escuta da própria alma, e ali, encontra a voz de Deus.

Conforme Sarah e Diat (2017, pág.27-64) para sair da agitação que a sociedade impõe e assim encontrar Deus, o silêncio se torna indispensável. Mas deve-se ter em mente que ele não significa ausência, pois manifesta não só o eu-humano, mas também a mais intensa das Presenças, por isso ele é necessário não só para o descanso, mas para uma autocompreensão. É o meio eficaz de reparar os danos causados pelo pecado do ruído. E, nesse sentido, é expressão da liberdade humana e, talvez aqui seja possível encontrar respostas as indagações da música de Iorc: “Liberdade ou solidão” (2015), pois essa libertação – que é divina – devolve o homem ao centro de si, insere-o nos mistérios divinos. O faz servir a Deus e aos irmãos.

Em “Todas as Flores” (2023) Iorc aprofunda a conexão entre o amor, a simplicidade e a percepção do sagrado no cotidiano com os versos: “Meu amor por você me encanta, me chama pra vida. Quero ter teu desejo na simplicidade. O perfume da manhã, O sabor que tem eu em você. Como o sol, venha beijar minha pele que aquece. Escute o tempo passar, sem pressa.”. Aqui, percebe-se que, a música – enquanto experiência estética – convida a um movimento de abertura, a transcender a concepção utilitarista das coisas e contemplar a beleza e a simplicidade da natureza (Dufrenne, 2008, pág.14-15). Não obstante, há uma compreensão de sacralidade da vida, visto associar o calor do sol ao beijo do ser amado (Boff, 1975, pág.09).

Trata-se de enxergar a vida e de viver a espiritualidade de modo poético. Por isso, ou os cristãos se tornam místicos ou não serão cristãos (Rahner 2007, pág.290-294), pois para ele a mística nasce do banal do cotidiano ao abrir-se ao Mistério que envolve toda a realidade. Trata-se de viver o extraordinário no ordinário da vida. A canção possibilita esse desenvolvimento espiritual, pois ela convida a uma espiritualidade da presença, do hoje, onde o tempo vivido com atenção se torna espaço sacramental, ao permitir encontrar Deus em todas as coisas (EE, n.235), já que é possível encontrar seus rastros na criação. E assim, no silêncio, o amor fiel alcança a plenitude e converte-se numa presença (Quevedo SJ, 2002, pág.20-22)

Iorc (2023) segue: “Entra na minha vida, pode entrar, eu deixo. Com todas as flores, enfeitar, meu beijo, não tem volta, não. O perfume da manhã, o sabor que tem eu em você.

Como o sol, venha beijar minha pele que aquece. [...] Escute o tempo passar, sem pressa. Escute o tempo passar.” Iorc mostra o anseio humano que como numa prece, pede para que o (O)outro entre e faça parte da vida. Diante disso, vale recordar que a oração, muitas vezes é um diálogo silencioso, donde se haure forças e contrapõe-se ao ativismo frenético (DCE, n.37-38). Assim, torna-se possível encontrar espaços onde ressoam a voz de Deus (GE, n.29) de modo a estabelecer um diálogo sincero com Deus e encontrar-se então, com a verdade de si.

Já na música “Chega Pra Cá” Tiago Iorc (2016) tem dois versos de suma importância: “Não, não se engane, não me olhe sem se ver. Se quer que te chame, vê se faz por merecer. E se for pra ser, então, chega pra cá.” pois mostra a importância de olhar para si antes de estabelecer um relacionamento. De ir por inteiro e sem máscaras, visto que na maior parte das vezes o medo surge de inseguranças, da não aceitação de si e de suas limitações e é justamente na aceitação delas, na vivência da santidade cotidiana, por meio das bem-aventuranças sugeridas por Jesus que o homem pode então alcançar um sentido maior das coisas como sugere o Papa Francisco ao longo dos capítulos 3 e 4 da *Gaudete et Exultate*.

Por fim, Iorc (2016) encerra a música cantando: “Chega pra cá. Me dá um beijo, bora ver no que dá. Chega pra cá, (chega pra cá).” trazendo tons de coragem e vontade de viver. Isso liga-se ao pensamento de Moltmann (1971, pág.33-50) sobre a esperança cristã como felicidade do presente. Isto porque a esperança não é mero consolo, mas um compromisso existencial que nasce da experiência concreta, por isso ela exige e dá coragem para lançar-se adiante, mesmo quando tudo parece contraditório (Kusma, 2008, pág.124-126). Trata-se de não ficar numa atitude de espera passiva, mas de realizar ações sociotransformadoras, pois a esperança é um inquietante impulso de vida (SNC, n.2-16).

#### **4. Fé e esperança como formas de resistência**

Após reencontrar-se por meio do amor e da interioridade, a fé e a esperança surgem como um caminho que possibilitam ao homem projetar-se para o futuro com confiança, mesmo em meio ao sofrimento e à dor. Nessa perspectiva, a música “Antes que o mundo acabe” (Iorc, 2024) traz uma forte reflexão existencial, pois mostra um mundo cinzento, vazio de sentido, que leva a crise de identidade, perda da sanidade e a se sentir sufocado. Aqui, faz-se necessário uma abertura a graça, pois enquanto dom dado por Deus, ela também capacita o homem à obediência, a vivência do amor e a uma atitude de esperança ativa que leva a transformação da realidade (Schmegel Da Costa, 2017, pág.15-19).

A fé e a esperança surgem, portanto, como formas – espirituais – de resistência, como meio de perseverar e continuar a caminhada, apesar de todas as dificuldades, como cantado por Tiago Iorc (2024): “Com tudo que anda acontecendo, com toda a dor da nossa história, tenho ainda na memória, um motivo pra tentar [...]. Sei que tá difícil de acreditar, mas o que nos resta sem esperança? Se o amanhã é ilusão, e o passado é só estrada, que não volta.”. Para Luís Reis (2014, pág.64-71) a graça não só surge como um caminho que conduz a interioridade humana, lugar onde ela sustentará a fé do crente, dando-lhe condições para viver conforme professa, de modo que passa a resistir as forças que o afastam de Deus.

Segundo Chércoles SJ (2010, pág.36-38) a fé é um encontro, uma relação e entrega pessoal para com o ser pessoal d’Aquele a quem se confia. É o ato pelo qual o homem se confia por inteiro a Deus (DV, n.5). Trata-se de adesão ou entrega a um projeto, é fazer parte, e isso é mais que um mero assentimento (La Peña, 1991, pág.331). Contudo, faz-se necessário uma fé que seja fiel, que permaneça íntegra apesar das dificuldades e se concretize na história, pois a ela deve ser constatável Chércoles SJ (2010, pág.36-38). É a fé que leva a uma vida de doação e a entender que: “O amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE, n.230). Logo, a fé leva a esperança, a esperança a vivifica e juntas elas culminam na caridade.

Para Iorc (2024), a esperança surge da coragem de crer e perseverar, de arriscar mais uma vez e viver cada momento como se fosse o último. Ao cantar o medo de que tudo acabe, ele se lança com confiança nos braços daquele que ama, mostrando que a esperança não leva a uma fuga, mas a confrontar o real, pois quando a esperança é alimentada pela graça, ela resiste e enfrenta as estruturas de pecado (Aquino Júnior, 2020, pág.304-307). A esperança é uma atitude corajosa de ir além das promessas de felicidade que a sociedade proporciona; trata-se de uma decisão corajosa de viver com intensidade e entrega, mesmo sem garantias, de buscar algo que dê sentido ainda signifique correr riscos conforme o Papa Francisco (SJCC, 2015).

Essa coragem – como presente em “Dia especial” de Iorc (2016<sup>15</sup>) – não é algo que se conquista isoladamente, ela pressupõe um caminhar junto, um dar a mão sem pedir algo em troca, isto é, gestos de amor e entrega gratuita. Ou seja, ela não floresce sozinha, mas no exercício da compaixão, do cuidado mútuo, sobretudo, dentro de uma comunidade – de cristãos – que vivem como profetas de esperança (Marcolino Gomes 2013, pág.369-372). Desse modo, torna-se possível atravessar os desertos da vida e a compreender nele, com o auxílio e companhia dos membros da comunidade de fé, que a sede insaciável que o ser humano traz em si, é, no fundo, sede de Deus, conforme os pensamentos do Papa Bento XVI (MAAF, 2012).

---

<sup>15</sup> Escrita por Leindecker, mas gravada e interpretada por Iorc.

Nos versos seguintes, Iorc (2016) canta: “O amor é maior que tudo, do que todos, até a dor, se vai quando o olhar é natural. Sonhei que as pessoas eram boas, em um mundo de amor, e acordei nesse mundo marginal. Mas te vejo e sinto, o brilho desse olhar, que me acalma, e me traz força pra encarar tudo.” Aqui, o amor aparece como uma forma de resistência diante da desesperança, onde um simples olhar é capaz de restaurar a coragem. Essa música dialoga com a ideia proposta por Francisco de que “o tempo é superior ao espaço” (EG, n.222), pois o presente vivido com amor torna-se mais significativo do que extensões vazias de espaço sem algo que seja verdadeiramente significativo.

No ato de amar, escutar e contemplar, mesmo em meio ao caos, se manifesta uma santidade possível, uma maturidade espiritual que reconhece contradições, aprende a esperar e a acolher com paciência aquele que bate à porta (GE, n.7). É na contemplação silenciosa – que surge desse olhar-se – nesse espaço interior de silêncio e de escuta que o crente verdadeiramente resiste à desesperança, porque o amor contemplativo sustenta a alma diante da dor, restaurando a fé (Zas Friz, 2023, pág.94-96). Desse modo, a música de Iorc (2016) torna-se mais do que expressão artística, ela encarna esse amor contemplativo – o olhar que traz a coragem de enfrentar tudo – mostrando que por meio dos gestos simples, o amor não desiste.

Na música “Bilhetes” Iorc (2019) afirma: “Na vida, sempre louca, amar é decidir. E cada nova escolha, é o que precisa ser.” mostrando o amor não como uma emoção, mas como decisão que se renova continuamente mesmo diante dos erros, desânimos e incertezas, pois eles são momentos de aprendizado. Aqui, a esperança surge como disposição perseverante que transforma cada desafio em possibilidade de superação, o que recorda que as promessas divinas de vida nova orientam a práxis cristã para a transformação da realidade (Lima de Souza, 2019, pág.249). Logo, a esperança que surge a partir de uma experiência de amor, configura-se como força revolucionária que mantém – viva – a busca pelo que se deseja (Boff, 2012, pág.85).

Na sequência, Iorc (2019) canta: “Às vezes não tem outro jeito, o jeito é seguir. Lembrar que o que me fere, também me faz sorrir. [...] ame tudo que puder [...]. venha o que vier. E se caso for, eu posso esperar, a chuva passar, pra recomeçar”. Aqui, o sofrimento é ocasião de amadurecimento – quiçá de recomeço – o que dialoga com a ideia de ‘esperançar’, proposta pelo Papa Francisco (AG, 2024), como atitude corajosa de semear esperança apesar dos desafios. Trata-se de ter uma disposição confiante para recomeçar (Moltmann, 1971, pág.33), de não se contentar com o que está dado, mas de colocar-se em atitude de ação transformadora – performativa – paciente, de saber esperar o momento certo (Pires, 2017, pág.176).

Em “Tudo o que a fé pode tocar” Iorc (2022), fala da dor da perda e da saudade de uma pessoa amada e da superação pela fé, de forma delicada e quase orante ele inicia indagando:

“Como é o cheiro daí? O seu eu não esqueci. Nessas horas dá vontade de ligar. Pra te ouvir, saber como você está. Marcar um café, eu iria a pé. Só pra te olhar, mais uma vez. Abraçar, mais uma vez.”. Para Moltmann (1971, pág.34-42) a fé e a esperança cristã não ignoram o sofrimento, mas o confrontam diretamente, pois elas nascem precisamente na contradição entre a promessa de vida e a experiência do sofrimento, o que possibilita a superar – transcender – os percalços da vida.

Essas experiências geram uma memória – *passionis* – perigosa, que guarda a lembrança dos inocentes sofredores, impedindo o esquecimento de suas dores (Metz, 2007, pág.20). Ela não permite fechar os olhos diante dos sofrimentos, o que leva Metz (2013, pág.11) a falar de uma mística dos olhos abertos. Esta memória e este olhar aberto, segundo Gonçalves (2019, pág.283-284) desembocam numa teologia política que leva a transformação ético-político da sociedade, de modo que se gere recomeços e ressignificações. De tal modo, a música de Iorc dialoga com a teologia à medida que pontua que a fé não elimina o sofrimento – saudade – mas permite recomeçar e ressignificar.

Para Moltmann (1971, pág.42-46) a esperança sustenta a fé na promessa da ressurreição, proporcionando um horizonte de superação diante da dor da separação e do limite da finitude. Nessa perspectiva, a vida eterna consiste – em estar – na presença absoluta de Deus, em cuja realidade o ser humano, como *imago Dei*, já participa. Trata-se de sair do tempo em que se vive e viver no tempo presente de Deus, e em suma, em Deus. Por isso, pode-se afirmar que a fé e o são amor atemporais, pois retiram o homem do tempo presente – de sofrimento – e o lançam para um presente de felicidade. Isto não significa esquecer os sofrimentos, mas deixar que a força da ressurreição transforme o ser da pessoa (Metz, 2007, pág.20-22).

Logo, não se trata de fuga do presente, mas de deixar-se impulsionar pela esperança que surge do grito daqueles que sofrem (Metz, 2013, pág.9-12). Conforme Gonçalves (2019, pág.284), este grito dos justos – os crucificados da história – se torna um motor de transformação histórica e impede que a fé cristã cai – novamente – numa concepção triunfalista – e reinante da e na história – e a faz permanecer na fidelidade ao Deus que é presença de amor. Até porque, a promessa de ressurreição de Cristo não é algo futurista, mas um poder que inaugura um futuro já operante, permitindo que a fé suporte os sofrimentos e os ressignifique, permitindo que o crente já se coloque na presença de Deus (Cunha, 2017, pág.220-225).

É por isso que Iorc (2022) canta: “Eu te vejo em todo canto, todo olhar. Onde tem amor, sei que você está. Agora você é, tudo que a fé, pode tocar mais uma vez. Abraçar mais uma vez.”. Visto que se trata de sentir e viver essa presença – de Deus – no hoje, como demonstração plena da participação do presente em Deus. Conforme Bento XVI (DCE, n.14) pode-se afirmar

que isso se dá por meio da comunhão com o Senhor, pois por meio dela, faz-se comunhão com todos aqueles a quem Ele se entrega, visto que este mistério da fé que chama o homem a viver na e em comunhão, o projeta para fora de si, de modo que se passa a formar um só corpo com seus irmãos.

Portanto, mais que uma comunhão vertical, trata-se de uma comunhão também horizontal, pois neste momento tudo é incorporado numa única oferta – de Cristo – em favor de todos, que atravessa o tempo e a história (Metz, 2007, pág.20-22). Mariani (2020, pág.851-857), afirma que a autenticidade de uma espiritualidade se dá no reconhecimento da presença do outro – vivo ou falecido – de modo que ela sustenta a esperança, pois a comunhão transcende o físico e a morte. Tal realidade pode ser vista de modo concreto na afirmação do Papa Leão XIV em sua Missa de Início de Pontificado (2025): “Durante a missa, senti fortemente a presença espiritual do Papa Francisco, que nos acompanha do céu.”.

A fé, nesse contexto, é o meio pelo qual o ser humano percebe e experimenta essa presença da pessoa amada, de modo que transcende a ausência física, transformando a memória em uma presença viva e atuante. Diante disso, Moltmann (1971, pág.41-47) critica o realismo positivista que se apega apenas ao que é visível, pois para ele a fé não é um sentimento vago, mas a adesão a uma promessa que abre o futuro, permitindo tocar o que ainda não é visível. Visto que, enquanto houver esperanças, haverá possibilidades e o amor é uma delas, pois sendo atemporal, faz irromper na realidade, uma antecipação da promessa divina, torna o divino presente, chamando o não-ser ao ser.

Por fim, Iorc (2022) canta: “Como é o tempo aí? Aqui um tempo eu perdi. Mas é sempre tempo de recomeçar. É bonito ter coragem pra sonhar. Porque a gente é, tudo o que a fé, pode tocar mais uma vez. Abraçar mais uma vez.”. A esperança, portanto, não apenas consola, mas dá coragem para recomeçar e sonhar, visto que para Moltmann (1971, pág.35-52) ela é uma força que renova e vivifica a fé, daí que não se trata de fuga da dor, mas de capacidade de vislumbrar o novo que culmina numa atitude prática de seguir em frente. Assim, ela liberta das paralisias que o medo e o sofrimento, por vezes acabam impondo ao homem, abrindo-o para um novo presente – em Deus – pois pauta-se pela crença de que não se está só.

## **Conclusão**

A análise das músicas de Tiago Iorc, sob a ótica da fé revelam, portanto, que a cultura profana está permeada por anseios espirituais. Isso nos convida a pensar, conforme Maritain (1966, pág.78-97) que a santidade vivida no cotidiano profano, santifica-o por meio de

atividades como a arte e, neste caso, a música. De modo que, aqueles que entram em contato com ela, ao sentirem-se questionados, fazem uma profunda experiência de si e através disso, de Deus, o que leva a um consequente cantar – anúncio – dessa experiência vivida. Desvelando a vivência da santidade dentro da secularidade e a transformação do profano em um instrumental sócio-transformador da realidade.

## CONCLUSÃO

Do exposto até aqui, conclui-se que, a teologia possui ainda um grande campo a ser explorado em seu horizonte. À medida que ela ainda ouvir ressoar os desejos do Papa Francisco para que se abra a um diálogo interdisciplinar, ela poderá cada vez mais atualizar a sua mensagem de Anúncio e Salvação em Jesus Cristo através das mais diferentes realidades. De modo que ela cada vez mais irá assumir em si, a dinâmica de encarnar-se e inserir-se no mundo, cristificando-o, dialogando com ele e falando a partir dele. O que possibilitará que sua mensagem chega cada vez mais aos confins deste imenso planeta, a todas as criaturas, auxiliando-as a chegar a sua consumação.

Trata-se, pois, de anunciar a mensagem de sempre, porém de um modo novo, em diálogo com a música, ainda que secular. O que possibilita um resgate do método das comunidades e, sobretudo, dos padres da Igreja, que se valiam da linguagem simbólico-poética, para expressar as verdades de fé, que muitas vezes, a linguagem convencional-conceitual não dá conta, devido a inefabilidade da experiência de Deus. O que permite também, chegar à consciência de que, em sua origem, a linguagem religiosa e, portanto, teológica, é, antes de tudo, simbólico-poética e posteriormente, conceitual. Com isso, não se quer sobrepor uma a outra, mas recordar as origens do fazer teológico, seguindo a dinâmica do Concílio de retorno as fontes.

Afinal, a música – profana – nada mais é do que uma dentre tantas experiências artísticas as quais a própria Igreja validou e utilizou ao longo do tempo em seus templos e cultos religiosos, como a pintura, escultura, a própria utilização de recursos literários, dentre outros. E aqui, vale destacar que todas essas expressões nada mais fazem que auxiliar o ser humano a colocar para fora tudo o que sente e pensa, é um modo de expressar e com isso de também entender-se. Trata-se de um exercício que por si, auxilia no processo de transcendência, incluso de si, e por isso, de uma dinâmica natural no ser humano. Logo, ela ajuda nesse processo de encontro consigo e consequentemente do Transcendente.

Enquanto expressão artística, ela possui então a capacidade de traduzir, sem explicar, essa realidade mistérica que o próprio homem é, e, consequentemente, Deus, do qual é imagem e semelhança. E ao fazê-lo, permite entender-se como tal e do porquê da dificuldade em responder à pergunta, o que é o homem? Nisso compreende-se as obras artísticas mais abstratas como pinturas com mistura de riscos e cores, mas sem muitas formas ou ainda simples canções de orquestras sem letras. Trata-se do caos desvelado, que leva a uma harmonia, a um ordenamento dos afetos e com isso, ao elevar-se do Espírito. Música é isto, harmonia de sons e notas, letra e vida. E a vida cristã não difere dessa dinâmica.

Em Cristo, não só se entende que o verdadeiro significado de ser imagem e semelhança de Deus, mas como sê-lo. Logo, não se trata de subir, renunciando sua condição, mas de descer aceitando-a, ou seja, quanto mais humano for “mais divino será”. Afinal, o Deus Criador o convida a participar como sujeito ativo, a tornar-se co-criador, visto que Deus continua criando e em Cristo, o chama a continuar a criação, em vista do Reino. E quando se realiza o exercício de parar e contemplar a criação, o que surge em meio ao silêncio? A canção – louvor – que as criaturas elevam ao Criador. Uma música sem letras, sem conteúdo religioso, mas que fala a Deus e de Deus, pois desvela a harmonia precisa que só pode ter sua origem naquele que o É.

O que permite concluir que o homem é um ser “de” e “em” relação. Por isso, para poder responder a pergunta sobre quem ele é, há que considerar que ele não só se relaciona consigo e com os outros, mas com toda a criação e em suma, com Deus. É no relacionar-se que ele se completa, que ele se conhece. Não obstante, o fato de afirmá-lo com *imago Dei* por si só já é um indicativo de sua dimensão relacional. O que se deve levar em conta, sobretudo, hoje em dia e com muita cautela, são os motivos que o leva a relacionar-se, visto que o pecado deturpou tal dimensão, fazendo-a passar de fraterna e solidária, para relação de domínio e exploração. Disso surge a necessidade de ter Cristo como modelo de relação e abertura.

Isto porque, este ato de abrir-se ao outro é o que possibilita o movimento de (auto) transcendência que é natural ao homem, como exposto, pois trata de um comunicar-se e dar passos concretos para a superação dos obstáculos e, em suma, de si mesmo. Tal capacidade aponta, sobretudo, para o fato de que no mais íntimo do ser humano há uma abertura constitutiva, isto é, que é parte de seu ser, para um relacionamento com o Transcendente. E isso o leva então a crescer, amadurecer, a transformar-se, por isso a cada época o homem questiona-se quem é e a cada momento, chega a uma conclusão nova. Trata-se em suma, de uma natural busca por um sentido maior, que o permite sentir-se completo.

O problema é que com o advento do período moderno e o seu consequente desenvolvimento, acentuou-se no homem a realidade da fragmentação causada pelo pecado, causando uma completa desordem em sua natureza, impedindo o conhecimento de si e sobretudo, de seu Criador. E é justamente nisso que se encontram, portanto, as causas para as atuais crises identitárias do homem, do rompimento e deturpação de suas relações, a um completo descentramento de si. Realidade esta que aparece ricamente nas músicas de Iorc, à medida que o cantor explora o tema em suas canções ao refletir sobre a necessidade de ser validado pelo outro por meio de um *like* que passa a configurar-se como gesto de afeto.

O que se observa, portanto, é que a modernidade construiu uma sociedade frágil e tóxica, a exemplo dos modelos de masculinidade trabalhados por Iorc em sua canção. Visto que na

pretensão de um saber que liberta, negou-se dimensões constitutivas do ser humano, como o sentimento, negando ao Homem o direito ao choro, por exemplo, criando uma redoma que contém e reprime, mas que uma hora estoura. E quando isso acontece, muitos problemas vêm átona, a pessoa deixa de se reconhecer, cai em depressão ou ainda em vícios como pornografia e masturbação. Tudo em prol de uma imagem criada e que precisa ser sustentada e quando isso não é mais possível, o suicido aparece então, como a solução final.

Como resposta a essa vida vazia de sentido, solitária e da fragmentação de si, Ioc canta sobre o amor e como ele conduz a uma opção fundamental que transforma, plenifica e gera vida. É por meio do amor – Deus – que a harmonia se reestabelece, o homem retorna a unicidade de si, mas não para centrar-se, mas para sair ao encontro do outro, por inteiro, ser por inteiro. Logo, é o amor que possibilitará que ele faça o seu movimento natural de (auto) transcendência, permitindo que ele enxergue no outro um igual capaz de relacionar-se e que por isso, deve ser respeitado e valorizado. Isso não só permite enxergar o outro na multidão, mas a eternizar o outro em sinais sacramentais do cotidiano e, em sua, na alma.

O que leva a um movimento natural de silenciar-se, pois o amor não necessita de muitas palavras, aquele que ama diz com um simples olhar, um simples gesto. Amar é ser capaz de ficar, sem nada dizer e sem sentir-se incomodado, pois ele conduz a um simples, natural e consequente movimento de contemplação do ser amado. Nesse silêncio contemplativo de si e do outro é que aos poucos chega-se então, cada vez mais ao conhecimento maduro de si e do amado. E entende-se com isso, a importância do estar presente e dar ao outro aquilo que de mais valioso se tem, o tempo, e é justamente essa atitude que permite quebrar com a correria frenética do dia a dia imposta pela sociedade hodierna.

Muitos, ao seguir a lógica da sociedade de produção e consumo, poderiam rotular tal atitude como sendo uma “solidão”, ao que Iorc responde questionando se não seria a liberdade de si. Onde numa pausa restauradora, contempla-se os olhos do ser amado no horizonte, ressignificando a existência e assim, dessa experiência, vê-se surgir, a fé e a esperança como formas de resistência a toda pressão externa. O que leva a uma atitude corajosa de seguir, mesmo diante das dificuldades, não numa atitude de fuga e negação dos sofrimentos do tempo presente, mas de confiança – na graça de Deus – de não estar só. E isto leva o homem a realizar atitudes que transformam a sociedade.

Portanto, ainda que Ioc não fale diretamente do Sagrado a partir de alguma confissão religiosa, à medida que ele fala em suas canções de uma fé que pode tocar tudo, de um amor como motor de transformação da realidade ou mesmo de recomeçar e seguir, ele desemboca na dimensão religiosa. Visto que, com o mistério da Encarnação, sobretudo, fica ainda mais

evidente que sagrado e profano são realidades que se tocam e se comunicam e, ao falar do Amor, do Belo, da Liberdade, Harmônico, fala-se de Deus. Além do fato de que a missão do cristão é de levar a criação ao seu termo, por isso não se trata de fugir do mundo, mas de enxergar as pegadas – marcas – que Ele deixou nela.

Conclui-se, pois, que, a música não somente é um espaço de reflexão donde pode desenvolver-se mais amplamente o pensamento teológico, como também pode apresentar-se como canal de revelação da mensagem divina. Visto que ela nada mais fala – canta – que a vida do homem e seus anseios, buscas, desejos, medos e em suma, sobre uma sede tamanha que diversas vezes é representada pela imagem simbólica do oceano a qual pode-se ler como sendo, sede de Deus. Tal realidade se faz amplamente presente nas canções de Tiago Ioc e que possibilitam refletir sobre o atual modo de vida empregado pela sociedade e a reavaliar aquilo que é tido como bom e virtuoso.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984
- AGOSTINHO, Santo. **Sobre a música**. São Paulo: Paulus, 2018.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Campinas: Ecclesiae, 2020. 1v.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2002. 8v.
- AZEVEDO, Leandro Rodrigues de Souza. et al. Relação dialógica entre o poema Cinco Sentidos, de Almeida Garret e a canção Cataflor, de Tiago Iorc: Leitura e Ensino em Perspectiva. **IV Simpósio Nacional De Linguagens e Gêneros Textuais**. Paraíba, 2015. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO\\_EV066\\_MD1\\_SA18\\_ID1019\\_15032017222022.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA18_ID1019_15032017222022.pdf). Acesso em: 24 fev. 2025.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **A oração contemplativa**. São Paulo: Vozes, 2019.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **Só o Amor É Digno de Fé**. Salamanca: Edições Sígueme, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BELLO, Angela Ales. **Il senso del sacro**: dall'arcaicità alla desacralizzazione. Roma: Castelvechi, 2014.
- BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**: sobre o amor cristão. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 28 mai. 2025.
- BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Spe Salvi**: sobre a esperança cristã. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html). Acesso em: 6 jun. 2025.
- BENTO XVI, Papa. **Discurso do Papa Bento XVI por ocasião da apresentação de cumprimentos natalícios da Cúria Romana**. Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_spe\\_20121221\\_auguri-curia.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20121221_auguri-curia.html). Acesso em: 23 mai. 2025.

BENTO XVI, Papa. **O espírito da música: a música e a fé no ministério do Papa Bento XVI**. São Paulo: Paulus, 2017.

BENTO XVI, Papa. **Santa Missa Para a Abertura Do Ano Da Fé**: Homilia do Papa Bento XVI, Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20121011\\_anno-fede.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede.html). Acesso em: 27 jul. 2025.

BETHÂNIA, Maria. **A Flor e o Espinho** (Citação: Sombras da Água). 1957. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5xgdlagMbv xv7p89miVkuH>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BÍBLIA sagrada. São Paulo: Paulus, 2002. (Bíblia de Jerusalém).

BOAS, Alex Villas. O método antropológico no diálogo entre Teologia e Literatura em Antônio Manzatto. **Revista de Cultura Teológica**, v. 28, n. 95, p. 25-36, 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BOAS, Alex Villas; MANZATTO, Antonio. O mistério que se faz literatura. **Teoliteraria - Revista de Literaturas e Teologias**, v. 6, n. 12, p. 5–11, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/30801>. Acesso em: 2 mai. 2025.

BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: Hospitalidade, Justiça, Esperança, Cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOTURA, Felipe Mateus; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Mística e autoconhecimento: um estudo do itinerário místico de Inácio de Loyola em Manresa à luz do autoconhecimento de Blaise Pascal em sua obra Pensamentos. **Revista Pistis & Praxis**, v. 17, n. 2, p. 328–341, 2025. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/32066>. Acesso em: 9 set. 2025.

BUARQUE, Chico; NASCIMENTO, Milton. **Cálice**. 1978. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0VUgbCK0k8QWGpLiEV8YYZ?si=GyH8E0QeQmWokGUT1QTnYg>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Teologia e MPB**. São Paulo: Loyola, 1998.

CAPPELLI, Márcio. **A teologia ficcional de José Saramago: aproximações entre romance e reflexão teológica**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2020.

CAPPELLI, Márcio; BOAS, Alex Villas. A literatura como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça. **Teoliterária: Revista de Literaturas e Teologias**, v. 13, n. 31, p. 96–117, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/64688>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CERTEAU, Michel de. **La debilidad de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006.

CHÉRCOLES SJ, Adolfo. Discernimento dos Espíritos e Fidelidade. **ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana**, n. 80, p. 7-22, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Homem e mulher os criou**: para uma via de diálogo sobre a questão do gender na educação (HM). Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20190202\\_maschio-e-femmina\\_po.pdf](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20190202_maschio-e-femmina_po.pdf). Acesso em: 19 mai 2025.

COSTA, Vera Schmegel. Graça em Paulo. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 3, n. 1, p. 11-22, 2017. Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/190>. Acesso em: 13 out. 2025.

CUNHA, Gladson Pereira da. O sentido da Ressurreição de Jesus na escatologia de Jürgen Moltmann. **Protestantismo em Revista**, v. 43, n. 1, p. 216–232, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/318111970\\_O\\_sentido\\_da\\_Ressurreicao\\_de\\_Jesus\\_na\\_escatologia\\_de\\_Jurgen\\_Moltmann](https://www.researchgate.net/publication/318111970_O_sentido_da_Ressurreicao_de_Jesus_na_escatologia_de_Jurgen_Moltmann). Acesso em: 13 out. 2025.

DE MORI, Geraldo. Hermenêutica filosófica e hermenêutica bíblica em Paul Ricoeur. **Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias**, v. 2, n. 4, 2012, p. 203-239, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22909>. Acesso em: 11 Ago. 2025.

DIAS, Guarabira Graça. **A “masculinidade” cantada por Tiago Iorc**: considerações sobre gênero no contexto da produção fonográfica brasileira contemporânea. Natal: UFRN, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/d3531c5f-a39b-4306-b2cf-7cd1d4108409>. Acesso em: 3 nov. 2025.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUMER, Pablo Fernando. O conceito de identidade como um problema para a antropologia teológica: uma discussão a partir de Tillich e análise interdisciplinar. **Reflexus - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 14, n. 1, p. 85-102, 2020. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/971>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLICK, Maurizio; ALSZEGHY, Zoltan. **Antropologia teológica**. Versão digital disponível em: [https://www.mercaba.org/Antropologia/SUMARIO\\_flick.htm](https://www.mercaba.org/Antropologia/SUMARIO_flick.htm). Acesso em: 9 set. 2025.

FORTE, Bruno. **Trinidade como historia**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

FRANCISCO, Papa. **Ad theologiam promovendam**: com os quais se aprovam os novos estatutos da Pontifícia Academia de Teologia. Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu\\_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html](https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html). Acesso em: 11 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Amoris Laetitia**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html). Acesso em: 9 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**. Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2024/documents/20240508-udienza-generale.html>. Acesso em: 27 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em: 3 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 23 mai. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Dilexit Nos**: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html>. Acesso em: 8 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do Congresso Internacional Homem-Mulher, Imagem de Deus. Por uma antropologia das vocações**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/march/documents/20240301-convegno-uomo-donna.html>. Acesso em: 23 mai. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 27 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 4 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Gaudete Et Exsultate**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html). Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-homilia-integral.html>. Acesso em: 28 mai. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Saudação do Santo Padre aos Jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela**. Havana, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150920\\_cuba-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150920_cuba-giovani.html). Acesso em: 27 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Spes Non Confundit**: Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano de 2025. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509\\_spes-non-confundit\\_bolla-giubileo2025.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html). Acesso em: 6 de jun de 2025.

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos**: o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Veritatis Gaudium**: sobre as universidades e as faculdades eclesiais. Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/papa-francesco\\_costituzione-ap\\_20171208\\_veritatis-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html). Acesso em: 9 abr. 2025.

FREZZATO, Anderson. Gnosticismo: um resgate conceitual motivado pela Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. v. 12, n. 22, p. 43-53, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/37741>. Acesso em: 9 set. 2025.

FRIZ, Rossano Zs. Contemplação silenciosa e reflexão amorosa: um enfoque da teologia mística. **Perspectiva Teológica**, v. 55, n. 1, p. 93-118, 2023. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5286>. Acesso em: 13 out. 2025.

GESCHÉ, Adolphe. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

GOMES, Waldir Marcolino. Esperança escatológica e práxis social. A esperança no êxodo ao Reino definitivo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 73, n. 290, p. 364-380, 2013. Disponível em: <https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/653>. Acesso em: 13 out. 2025.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **A relação entre antropologia e teologia em perspectiva libertadora**. São Paulo: Recriar, 2020.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Nova teologia política: memória passionis e mística de olhos abertos. **Revista de Cultura Teológica**, n. 93, p. 272-301, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.42770>. Acesso em: 13 out. 2025.

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. 1947. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4HH7tAjimHWnLJZDFYQQ1>. Acesso em: 29 abr. 2025.

GUARDINI, Romano. **Mundo y persona**: Ensayos para una teoría cristiana del hombre. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964.

GUARDINI, Romano. **O Espírito da Liturgia**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.

HADDAD, Mimi. As lágrimas dos homens: a masculinidade emocional de Jesus e São Francisco. **CBE International**, 5 set. 2018. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/pt/recurso/lágrimas-homens-emocional-masculinidade-jesus-e-são-francisco/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

HAIGHT, Roger. **Dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

HERRERAS, Fernando Bogónez. **Cristo, el hombre nuevo**: Análisis de Gaudium et spes 22. v. 52, p. 297-319, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/354345798\\_Cristo\\_el\\_hombre\\_nuevo\\_Analisis\\_de\\_Gaudium\\_et\\_spes\\_22](https://www.researchgate.net/publication/354345798_Cristo_el_hombre_nuevo_Analisis_de_Gaudium_et_spes_22). Acesso em: 25 Ago. 2025.

IDIGORAS, José Ignacio Tellechea. **Inácio de Loyola**: Sozinho e a pé. São Paulo: Loyola, 1991.

IORC, Tiago. **Amei te Ver**. In: Troco Likes (álbum). 2015. Faixa 2. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4owo0j5bw45IqiHxsTzcd6>. Acesso em: 22 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Antes que o mundo acabe** (álbum). 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/7rAGzb5tmPjeJRJZULY1GD>. Acesso em: 3 nov. 2025.

IORC, Tiago. **Bilhetes**. Reconstrução (álbum). 2019. Faixa 12. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3bQpAJ0p8V9F0huK9LFfHJ>. Acesso em: 27 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Cataflor**. In: Troco Likes (álbum). 2016. Faixa 14. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0Qkv66S2gIUXaP5a8oXNLt>. Acesso em: 14 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Chega Pra Cá**. In: Troco Likes (álbum). 2016. Faixa 9. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5C7uIRn1qqAG2PakZRAhL3>. Acesso em: 26 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Coisa Linda**. In: Troco Likes (álbum). 2015. Faixa 6. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6o0rGxp5tdtX8cmqXwVIwE>. Acesso em: 22 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Desconstrução** (Videoclipe). 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk&list=RDUXTYErYEXsk&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk&list=RDUXTYErYEXsk&start_radio=1). Acesso em: 11 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Desconstrução**. In: Reconstrução (álbum). 2019. Faixa 1. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk&list=RDUXTYErYEXsk&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk&list=RDUXTYErYEXsk&start_radio=1). Acesso em: 11 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Dia Especial**. In: Troco Likes (álbum). 2016. Faixa 10. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4kXGfYAWPgnbp5cYp62KOE>. Acesso em: 27 jul. 2025.

IORC, Tiago. et al. **Masculinidade**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GUxCQ8rl4>. Acesso em: 19 mai. 2025.

IORC, Tiago. **Laços**. *In*: Reconstrução (álbum). Faixa 7. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/67TkwLw4MU99lmHtUYo340>. Acesso em: 22 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Liberdade ou solidão**. *In*: Troco Likes (álbum). 2015. Faixa 9. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4dt6Grusbb975sZcaBZyPE>. Acesso em: 26 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Reconstrução** (álbum). 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4MaXnFPKQXHK7voqrWGEPn>. Acesso em: 14 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Sei**. Reconstrução (álbum). 2019. Faixa 13. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/29vHxYD48qrZAwgmzP6MXb>. Acesso em: 26 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Todas as Flores**. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6KoPbywQMzwlogLEBB6JuG>. Acesso em: 26 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Troco Likes** (álbum). 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=unjDt-sbSDM&list=RDunjDt-sbSDM&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=unjDt-sbSDM&list=RDunjDt-sbSDM&start_radio=1). Acesso em: 14 jul. 2025.

IORC, Tiago. **Tudo o que a fé pode tocar**. *In*: Daramô (álbum). 2022. Faixa 4. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3yEeEfDYLSiGCHZlieVY6Z>. Acesso em: 27 jul. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta aos Artistas**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jpii\\_let\\_23041999\\_artists.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jpii_let_23041999_artists.html). Acesso em: 23 mai. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 22 mai. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Redemptor Hominis**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1979. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html). Acesso em: 28 mai. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis**. Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html). Acesso em: 20 mai. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Teologia do corpo**. Rio Grande do Sul: Minha Biblioteca Católica, 2021.

JOSSUA, Jean-Pierre; METZ, Johann Baptist. **Teologia e literatura in Concilium**. Petrópolis: Vozes, 1976.

JUNIOR, Alcidesio Oliveira da Silva. A cultura pop é currículo! Tiago Iorc e as novas masculinidades. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 20, p. 460–487, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15365>. Acesso em: 3 nov. 2025.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. Bem Viver: esperança, resistência, profecia. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/38256>. Acesso em: 13 out. 2025.

KASPER, Walter. **El Dios de Jesucristo**. Santander: Editorial Sal Terrae, 2013.

KUZMA, César Augusto. Da esperança à teologia da esperança: uma reflexão sobre o caminhar da esperança cristã em Jürgen Moltmann. **Revista Caminhando**, v. 13, n. 2, p. 124-126, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/45088101\\_Da\\_esperanca\\_a\\_teologia\\_da\\_esperanca](https://www.researchgate.net/publication/45088101_Da_esperanca_a_teologia_da_esperanca). Acesso em: 13 out. 2025.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. **Criação, Graça, Salvação**. São Paulo: Loyola, 1998.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. **El don de Dios**: antropología teológica especial. Santander: Editorial Sal Terrae, 1991.

LADARIA, Luis F. **Introducion a la Antropologia Teologica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993.

LATIN RECORDING ACADEMY. Entrega Anual do Latin GRAM. Disponível em: <https://www.latingrammy.com/pt/artistas/tiago-iorc/31712-03>. Acesso em 11 de ago de 2025.

LEÃO XIV, Papa. **Missa de Inicio de Pontificado**. Libreria Editrice Vaticana, 2025. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-regina-caeli-missa-inicio-pontificado.html>. Acesso em: 27 jul. 2025.

LIBANIO, João Batista. **Pecado e opção fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LIMA, Alexandre Patucci de; MANZATTO, Antonio. A (re)-descoberta do imaginário no universo teológico: uma reflexão a partir de Adolphe Gesche. **Teoliterária**, v. 4, n. 7, p. 250-264, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22838>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LOYOLA, Santo Inácio de. **Escritos de Santo Inácio**: exercícios espirituais. São Paulo: Loyola, 2000.

LUBAC, Henri de. **El misterio de lo sobrenatural**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1999.

MAÇANEIRO, Marcial. **O labirinto sagrado**: ensaios sobre religião, psique e cultura. São Paulo: Paulus, 2011.

MANZATTO, Antônio. A importância da palavra em Chico Buarque e no discurso teológico. **Teoliteraria**: revista de literaturas e teologias, v. 10, n. 22, p. 104–121, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/48603>. Acesso em: 2 mai. 2025.

MANZATTO, Antônio. Canções nas Cebs. **Annales Faje**, v. 7, n. 3, p. 37–43, 2022a. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5252>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MANZATTO, Antônio. Certas canções: teologia e literatura na música brasileira. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 24-37, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/19098>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antonio. Cristologia: teologia e antropologia. **Revista de Cultura Teológica**, v. 5, n. 19, p. 7-15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14347>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antonio. Literatura e Teologia da Libertação. **Teoliterária**, v. 2, n. 4, p. 74-86, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22902>. Acesso em: 2 mai. 2025.

MANZATTO, Antonio. Notas para uma teologia do Espírito. **Revista de Cultura Teológica**, n. 84, p. 371-379, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/20234>. Acesso em: 3 nov. 2025.

MANZATTO, Antonio. O Brasil em Canções. **Perspectiva Teológica**, v. 54, n. 2, p. 321-346, 2022b. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5021>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MANZATTO, Antonio. Teologia e literatura: bases para um diálogo. **Interações**, v. 11, n. 19, p. 8–18, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n19p8>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCOS, Francisco Evaristo; FILHO, José Edmar Lima. O “Existencial sobrenatural”: O homem como ser inundado pela graça (Karl Rahner e a teologia da graça). **Kairós: R. Acadêmica da Prainha**, v. 9, n. 2 p. 41-62, 2012. Disponível em: <https://ojs.catholicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/149/140>. Acesso em: 9 set. 2025.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da Fratelli tutti. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 847-859, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/24887>. Acesso em: 13 out. 2025.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**: problemas temporales y espirituales de una nueva cristiandad. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1966.

MARTINI, Antonio. O provisório e o transcendente. *In: O humano lugar do sagrado*. São Paulo: Olho d'Água, 2001. p. 33-38.

MEIRELES, Cecília. **Viagem**: poesia. Brasil, 2000. E-book. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/viagem.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MELO, Fábio de. **Vou Cantar Teu Amor**. 2000. Disponível em: [https://open.spotify.com/track/4gVDlm4beXT3UIfzMR8rkf?si=Jh4uBpzUQAW7ET\\_DwArD6A](https://open.spotify.com/track/4gVDlm4beXT3UIfzMR8rkf?si=Jh4uBpzUQAW7ET_DwArD6A). Acesso em: 5 nov. 2025.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. O sagrado na MPB e na canção sacra: um olhar da teomusicologia. **SIMPOM**, n. 1, 2010, p. 590–597. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/2745>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

METZ, Johann Baptist. **Memoria passionis**: Una evocación provocadora en una sociedad pluralista. Editorial Sal Terrae: Santander, 2007.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Herder, 1971.

MONDIN, Battista. **Antropologia teológica**: história, problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1986.

MOREIRA, Fernanda José Pereira. **O amor infinito de Deus à luz de Carta Encíclica de Bento XVI, Deus Caritas Est**: Contributos para a lecionação da unidade letiva 2, Jesus, um Homem para os outros, do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica. 2015. 179 f. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18136/1/201054337.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

MOTA, Emilly Lorene de Souza; LUZ, Andréa Francisca da. A construção do sujeito líquido moderno nas músicas do Tiago Iorc. *In: CONEDU*, 2019, Campina Grande, **ANAIS VI**, 2019. Campina Grande: FAINTVISA, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58118>. Acesso em: 3 nov. 2025.

MOURA, Thâmara Soares de; SILVA, Francisco Vieira da. "Tem Concerto" para a Angústia: A Constituição do Sujeito Ansioso e Depressivo nas Letras de Clarice Falcão e de Tiago Iorc. **Forum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5247-5263, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/70800>. Acesso em: 24 fev. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner**: um problema para músicos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Niterói: Clube de Autores, 2022.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

PASTOR, Félix Alejandro. **A lógica do Inefável**. Aparecida: Santuário, 2012.

PAULO VI, Papa. **Dei Verbum**. Libreria Editrice Vaticana, 1965. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano, 2). Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html). Acesso em: 4 ago. 2025.

PAULO VI, Papa. **Gaudium et Spes**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano, 2). Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 3 abr. 2025.  
PERRONI, Marinella. Conclave: maschilità in questione. **Settimananews**, 5 mai. 2025. Disponível em: <https://www.settimananews.it/chiesa/conclave-maschilita-questione/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

PIRES, Célia Regina. Esperança como categoria teológica em Jürgen Moltmann. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 9, n. 1, p. 167-185, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/23451>. Acesso em: 6 out. 2025.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O Homem Insuficiente**: Comentários de Antropologia Pascaliana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 19v. (Coleção Ensaios de Cultura).

QUEIRUGA, André Torres. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010.

QUEVEDO SJ, Luis González. Amor e Fidelidade. **ITAICI - Revista de Espiritualidade Inaciana**, n. 80, p. 7-22, 2010.

QUEVEDO SJ, Luis González. **Experiência de Deus**: Presença e saudade. São Paulo: Loyola, 2002.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

RAHNER, Karl. **Escritos de Teología**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2007. 6v.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Teoría de los principios teológicos materiales para una teología fundamental**. Barcelona: Editorial Herder, 1985.

REIS, Alice Casanova. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 63, n. 1, p. 75-86, 2011. Disponível em:

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000100009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009). Acesso em: 26 jul. 2025.

REIS, Jair Luís. A graça de Deus: caminho interior à fé e à salvação. **Coletânea**, v. 13, n. 25, p. 63-75, 2014. Disponível em: [https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/3/4?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/3/4?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 13 out. 2025.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Terra dos Homens**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, sem datação. Versão digital. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/saint-exupery-terra-dos-homenspdf-pdf-free.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, Carlos Antônio Barbosa dos. et al. **Análise dialógica da música “Desconstrução”**: a construção do eu na letra de música de Tiago Iorc. 2019. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/docs/analise-dialogica-de-uma-musica/10203253/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SANTOS, Nataliêce Caetana Dos. **A violência nas paradas de sucesso**: um estudo sobre a violência contra as mulheres na música sertaneja e no funk tocado entre 2010 a 2019 - uma questão de gênero. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Itaberaba, 2022. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/c2db7bbd-8b57-489e-9ec9-6839159b1511/full>. Acesso em: 19 mai. 2025.

SARAH, Robert; DIAT, Nicolas. **A força do silêncio**: contra a ditadura do ruído. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2017.

SCIADINI, Frei Patrício. **Espiritualidade do Avental**. São Paulo: Loyola, 2007.

SILVA, Tiago Alexandre de Jesus. **Música e teologia, música como teologia**: uma sonata teológica: A música na estética teológica de Pierangelo Sequeri. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/430628935/Tiago-Silva-Musica-e-Teologia-Musica-Como-Teologia-Uma-Sonata-Teologica>. Acesso em: 11 ago. 2025.

SOUZA, Clayton Lima de. Uma breve análise da Teologia de Jürgen Moltmann: da Teologia da Esperança ao Universalismo. **Via Teológica**, v. 20, n. 40, p. 239-266, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/155>. Acesso em: 6 out. 2025.

SUNG, Jung Mo. **Sementes de esperança**: a fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. O mistério na tessitura da vida: a espiritualidade de Gilberto Gil. **IHU (Unisinos)**, v. 523, p. 54-61, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78->

noticias/579491-o-misterio-na-tessitura-da-vida-a-espiritualidade-de-gilberto-gil. Acesso em: 2 mai. 2025.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TOLENTINO MENDONÇA, José. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

TOLENTINO MENDONÇA, José. Creio na nudez da minha vida – onde a mística e a literatura se encontram. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (org.). **Teopoética**: mística e poesia. Rio de Janeiro; São Paulo: Puc-Rio; Paulinas, 2020, p. 21-34.

TOMÁS, Lia. **Ouvir o logos**: música e filosofia. São Paulo: UNESP, 2002.

VELOSO, Caetano. **Força Estranha**. 1978. Disponível em: [https://open.spotify.com/track/44iX62gb9qc0kiv1XGGJ3m?si=jym150k5RAif00k\\_Yy60ww](https://open.spotify.com/track/44iX62gb9qc0kiv1XGGJ3m?si=jym150k5RAif00k_Yy60ww). Acesso em: 2 mai. 2025.

VELOSO, Caetano. **Oração ao Tempo**. 1979. Faixa 2. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7oz1o6N5NDdTXQCZSfB3SO?si=gcXjxgaRTGOvsglV6AtW AQ>. Acesso em: 2 mai. 2025.

VILLAS BOAS, Alex. O método antropológico no diálogo entre Teologia e Literatura em Antônio Manzatto. **Revista de Cultura Teológica**, v. 28, n. 95, p. 25-36, 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 8 abr. 2025.

VIVES, Josep. **Creer el Credo**. Santander: Sal Terrae, 1986.